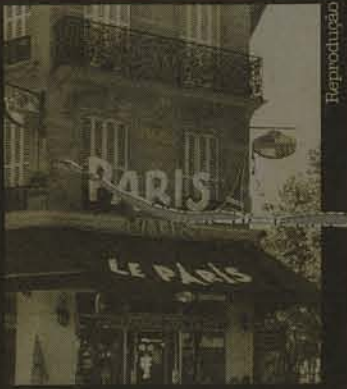




ESTAMOS DE
LUTO POR TODOS
QUE JÁ
MORRERAM EM
ACIDENTES
AÉREOS

ZERO

Florianópolis, Julho de 2001 - Ano XVII - Número 2



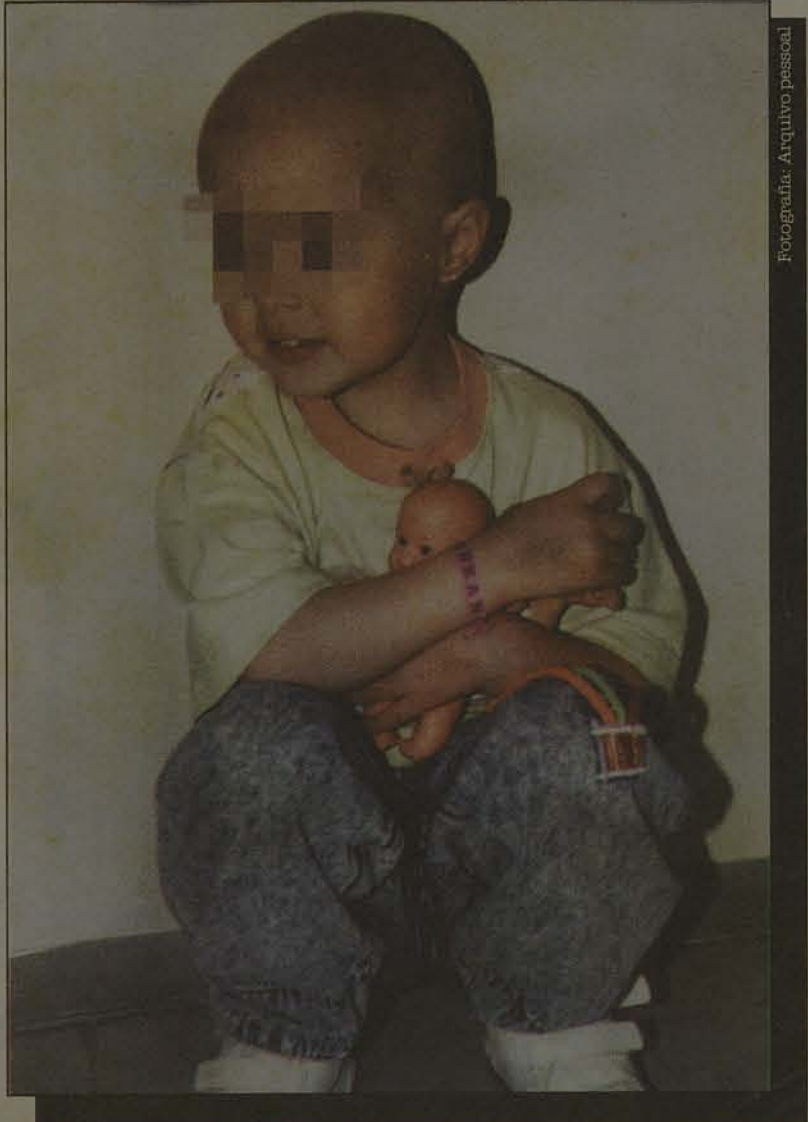
Reprodução

Quando uma
viagem de
estudos
transforma-se
numa fria
página 4



Reprodução

O Trance invade
a Ilha nos
quatro dias da
festa da música
eletrônica
Psicobilros
página 19



Fotografia: Arquivo pessoal

Câncer já é a terceira causa de mortalidade infantil

Uma em cada 600 crianças
brasileiras terá a doença
antes dos 15 anos. página 5

Florianópolis tem nova moeda corrente: os passes de ônibus

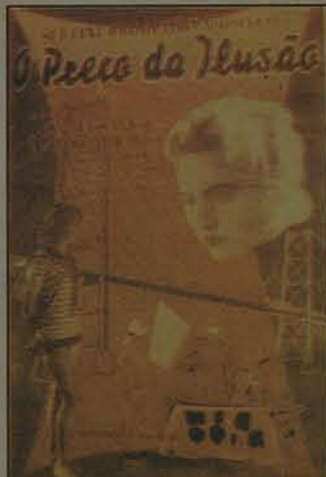
página 3



Reprodução

A história de
três grandes
craques do
nosso futebol:
Albeneir,
Valdomiro e
Oberdan

página 16



Reprodução

Os 44 anos
do primeiro
filme feito
na ilha,
esquecido
em algum
lugar

página 8

E mais:

- A nova onda das academias.....pág.13
- Turismo Ecológico em Santa Catarina....pág.18
- A redefinição do tratamento de doentes mentais.....pág. 6
- O preço da reabilitação do vício.....pág.15
- Os 60 anos do Hospital Santa Tereza.....pág.7
- Síndrome do Pânico: os reféns do medo pág.14

ZERO

ANO XVII - Nº 2
JULHO DE 2001

Jornal Laboratório do Curso de
Jornalismo da Universidade Federal de Santa
Catarina
FLORIANÓPOLIS



3º Melhor Jornal-laboratório do Brasil 94
Melhor Peça Gráfica
I, II, III, IV, V e XI
Set Universitário
88, 89, 90, 91, 92, e 98
Melhor Jornal-Laboratório
Prêmio Foca 1999

EXPEDIENTE

Coordenação

Prof. Henrique Finco

Coordenação de reportagem

Profs. Francisco Karam e Henrique Finco

Projeto Gráfico

Wagner Maia

Diagramação

Wagner Maia

Arte Gráfica

Wagner Maia

Edição de texto

Henrique Finco

Wagner Maia

Copydesk

Prof. Francisco Karam, Prof. Henrique Finco,
Alexandre Brandão e Marcela Albuquerque

Fotografia

Beatriz Sônego de Luca, Denise Ferreira,
Elisa Corrêa, Fernanda Krelling, Jeanne
Callegari, Leonardo Laps, Louise Lazzari,
Magda Pamplona e Marcos Franzoni

Repórteres

Cristiane de Luca, Marina Nagel,
Marcos Franzoni

Alunos de Redação II, do Prof. Francisco
Karam: Andressa Braun, Beatriz Sônego de
Luca, Camila Bruna, Denise Ferreira, Elisa
Corrêa, Fernanda Krelling, Fernanda
Menegotto, Giselle Tiscoski, Jeanne
Callegari, Louise Osório Luz, Magda Audrey
Pamplona e Sabrina Domingos

Ilustrações

Wagner Maia (jornaleiro@yahoo.com.br)

Tratamento de Imagens

Wagner Maia

REDAÇÃO

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Curso de Jornalismo
Campus da Trindade
88040-900 - Florianópolis, SC
Telefones
(48)331-9490
(48)331-9084
Fax
(48)331-9898
Home Page
www.jornalismo.ufsc.br
E-mail
zero@cce.ufsc.br

EDITORIAL

Esta edição do Zero contou com a participação dos alunos da disciplina redação II, ministrada pelo Professor Karam.

Esta colaboração foi fundamental para que nosso jornal laboratório circulasse dentro do prazo - 1º semestre letivo de 2001.

Além disto, merece destaque o empenho do aluno Wagner, que é monitor do Jornal Laboratório. Monitor e entusiasta.

No próximo semestre estaremos de volta, com mais força, certamente.

Temos a certeza que esta edição, ora apresentada a vocês, é de ótima qualidade e - como é freqüente em nosso Jornal Laboratório - apresentamos um furo: a entrevista com o engenheiro Miguel Orofino, protagonista de um dos episódios mais barulhentos da história recente de Santa Catarina, entrevista que só foi conseguida graças ao empenho do aluno Marcos Franzoni, matriculado na 2ª fase do Curso de Jornalismo. Bom proveito, e até a próxima edição.



Agradecimentos

Pelos elogios e o total de nove horas, aproximadamente, de torrentes de críticas nas salas e corredores do curso sobre a edição anterior do jornal *Zero*. Com algumas mudanças, esta edição tem como um dos objetivos propiciar menos de cinco horas de sermões. **Wagner Maia**

Máxima dessas "nove horas"



Caricatura por Wagner Maia

"Seria melhor que publicasse a foto da minha 'bunda branca' do que a matéria da banda John Bala Jones"

- Jônatas Kosmann

Referindo-se à edição n.1 do *Zero* deste ano.

Passes viram moeda corrente

O mercado negro dos passes de ônibus e vales-transportes em Florianópolis

Passes de ônibus e vales-transporte agora são moeda corrente em Florianópolis. No centro da cidade e na Universidade de Santa Catarina, qualquer um pode transformar seus passes em dinheiro. Os vendedores instalados no centro afirmam que vendem porque é uma forma fácil de sobreviver: "Na roça eu trabalhava muito para ganhar três reais por dia, agora eu fico aqui parado e tiro até dez", conta Darci Rosa, 28 anos. Assim como a maioria dos vendedores, Darci é do interior do Estado e começou a vender passes porque estava desempregado. "Vim para Florianópolis tentar a vida, não deu muito certo e acabei aqui", explica Pedro Costa, que veio de São Paulo.

Para começar o negócio, os vendedores apenas compram a primeira cartela de passes: "A gente compra um, depois com a venda compra dois, e assim por diante", explica o ex-pintor Roberto Nascimento, 24 anos. Alguns afirmam que começaram trabalhando para um homem, ganhando comissão, mas não quiseram identificá-lo. O preço é tabelado: eles compram o passe de patamar dois, por exemplo, a R\$0,70 e vendem a R\$0,75. "A gente tem sempre um lucro de cinco centavos por passe", conta o ambulante Adelino Santos, 41 anos.

No Terminal Urbano Cidade de Florianópolis há pelo menos quinze bancas espalhadas, com pessoas gritando "Compro e vendo passe!", e sempre há quem queira fazer negócio. "Todo mês sobram uns vales-transporte que eu recebo do patrão, e aqui posso vender e ganhar um dinheiro extra", afirma a secretária Marly Garcia. "Se alguém tem um passe sobrando e quer ganhar dinheiro, vem aqui trocar. Não é nada ilegal, a fiscalização não faz nada", explica o ex-motorista Ezequiel Campos, 40 anos, que chega a lucrar R\$420 por mês. A fiscalização a que ele se refere é a da Secretaria de Urbanismo e Serviço Público (Susp), que



Vendedor de passas no centro que não quis ser fotografado

O preço é tabelado: eles compram o passe de patamar dois, por exemplo, a R\$0,70 e vendem a R\$0,75

controla o comércio no Terminal. "Eles [os fiscais] levam as caixas e bancos que a gente usa, mas não levam os passes", conta Pedro Costa. "A intenção dos fiscais é dificultar nosso trabalho, já que sem as bancas na calçada, a gente não tem onde expor os passes". Um funcionário da Susp que não quis se identificar nega que seja esse o motivo, afirmando que isso é feito porque as bancas atrapalham a passagem dos pedestres. Ele disse também que os vendedores não são ilegais e não há nada que os impeça de vender: "Os passes são dos vendedores, eles fazem o que quiserem". Mesma opinião tem o Sindicato das Empresas de

Transporte Urbano de Florianópolis (Setuf): "Depois de vendidos, nós não temos como controlar a utilização dos passes e vales-transporte", justifica o secretário executivo João Savas. E continua: "O problema está na utilização. Se um estudante compra o passe aqui com desconto e vende, nós não podemos fazer nada". Savas diz que não há nenhum prejuízo para o sindicato: "O único prejudicado é o empregador, porque ele é que está pagando o vale aos trabalhadores." O Setuf é o órgão responsável pela venda dos passes aos usuários.

Os vendedores de doces foram os precursores desse tipo de comércio, porque começaram a trocar os produtos por passes e revendê-los. "A gente que está trabalhando aqui tem que fazer qualquer negócio", explica Adelino Santos, 41 anos. Ele disse que sempre foi mais fácil trabalhar com passes, e que o lucro é maior do que quando um doce é vendido por dinheiro. A ex-empregada doméstica Zenilde Costa confirma: "Quando as pessoas não têm dinheiro, pagam com passe e eu revendo depois". "Para mim é um bom negócio, por que um doce é R\$0,60 e vendo por um passe que revendo a R\$0,75", comenta Sérgio Valter, 19 anos.

Na Ufsc, os estudantes já se acostumaram a usar passes para comer: "Assim eu posso comprar um salgado quando não tenho dinheiro" conta o estudante Marcelo Zialta. A estudante Carla Marceles concorda: "Sempre que não tenho dinheiro venho aqui e, quando quero economizar, também compro passes no bar". Além de ajudar os estudantes e funcionários da UFSC, os donos de bares da universidade consideram uma economia aceitar passes. "Eu os repasso aos meus funcionários e pago menos pelo transporte deles", explica o dono do bar do CCE, Sérgio Jakubiak Neto.

Texto: Denise Ferreira

O risco de se fazer intercâmbio

Quando a conquista de um sonho pode se transformar em pesadelo

Os jovens que vão estudar no exterior têm que enfrentar sozinhos, além da saudade de casa e das diferenças culturais, problemas com as famílias hospedeiras e com as agências de intercâmbio.

Muitos jovens têm o sonho de fazer intercâmbio cultural no exterior. As vantagens dessa experiência podem ser muitas: aprender outro idioma, conhecer diferentes culturas e fazer novas amizades. Os intercambistas ficam de seis a dez meses frequentando uma escola pública e hospedados numa família anfitriã que não recebe nenhum pagamento para ficar com o estudante. Ao invés de dinheiro, as famílias querem conhecer uma nova cultura com o hóspede temporário. Os pais desses jovens acham que é uma oportunidade única na vida dos filhos e, apesar da saudade que vão sentir, os encorajam para embarcar na nova aventura. O que muito desses pais não sabem, e nem querem imaginar, é que o sonho pode acabar virando um pesadelo.

Aos 16 anos, a estudante Isabela Passos, de Belo Horizonte (MG) viveu um pesadelo. Ela queria fazer intercâmbio de um ano vivendo na Inglaterra para melhorar o inglês e conhecer novas pessoas. Esse era o sonho até a terceira semana em que estava na Inglaterra. Há três anos, pagou cerca de 10 mil reais à empresa Educacional Foundation (EF) com sede em São Paulo, para se inscrever no programa de intercâmbio cultural de dez meses no Reino Unido. O pacote incluía passagem aérea ida e volta até a cidade de destino, seguro saúde, seleção da família hospedeira no país anfitrião e total apoio e acompanhamento ao estudante durante o intercâmbio pela equipe da EF no Reino Unido. Antes de Isabela ir para a Inglaterra, a EF prometia fazer uma rígida seleção da família hospedeira, mas não foi isso que aconteceu.

Problemas

Logo que ela chegou na família escolhida pela EF, constatou que as informações que havia recebido ainda quando estava no Brasil eram mentiras. A "mãe anfitriã" tinha apenas 18 anos e o companheiro dela disse para a estudante que não tinha concordado com a ideia de recebê-la. Na primeira semana que Isabela estava nessa família, a "mãe" descobriu que estava grávi-



"mãe" da família hospedeira demonstravam ciúmes da boa relação que tinha com o "pai". Dessa vez, foi a família que pediu para ele sair.

Problemas também aqui

Muitas vezes é a família hospedeira que encontra problemas na convivência com o estudante. A própria família de Daniel, o casal Jorge e Marcia Ribeiro, de Florianópolis, já recebeu quatro intercambistas. Uma delas, a estudante Brenda Muñoz, da Costa Rica, chegou a ficar de castigo por ter saído de noite

para uma festa sem avisá-los. "Os jovens que fazem intercâmbio são adolescentes e, como os filhos da gente, também têm problemas", afirma Jorge. Segundo ele, muitas famílias hospedeiras não se sentem na obrigação de aceitar os problemas do intercambista ou ajudar na orientação desses jovens e isso acaba gerando desentendimentos.

"Às vezes, os intercambistas querem trocar de família por motivos que não passam de problemas culturais", destaca Isabela Passos. Mas os problemas enfrentados pelos estudantes são variados. Começam pelo desafio de se adaptar a uma nova cultura e a conviver diariamente com pessoas estranhas até enfrentar os ciúmes de membros da família hospedeira, como o que aconteceu com Daniel e com a estudante Federica Toldo. Ela veio da Itália fazer intercâmbio em Florianópolis em 98 e reclamava dos ciúmes que a "mãe" e a "irmã" da família hospedeira demonstravam em relação à atenção que o "pai" dedicava a ela.

"Os problemas são causados principalmente porque tanto o estudante como as famílias hospedeiras não estão preparados para essa experiência e, às vezes, não existe uma empatia natural da família com o estudante", diz Jorge Ribeiro.

Segundo a psicóloga Maria Juracy Siqueira, professora da UFSC, não existe uma receita pronta para um intercâmbio dar certo. Ela diz que a melhor solução para o estudante evitar os problemas é se adequar às regras de boa convivência e ter o mínimo de boa educação sempre. "As famílias devem preparar os seus próprios filhos para receber o hóspede temporário. As questões devem ser discutidas entre todos os envolvidos e o próprio grupo deve buscar alternativas para as situações difíceis que venham a ter com o intercambista", aconselha a psicóloga.

ram problemas durante o intercâmbio. Para a psicóloga Andréia Sebben, autora da tese "Um estudo exploratório do intercâmbio cultural com a contribuição da Psicologia Intercultural e da Educação Intercultural", os principais problemas do estudante em intercâmbio cultural estão relacionados ao domínio da língua estrangeira e ao estranhamento do espaço físico e de aspectos como valores, formas de sociabilidade e hábitos da família hospedeira.

O estudante Daniel Ribeiro, de 20 anos, fez intercâmbio pela agência AFS Intercultura Brasil há quatro anos. Pagou seis mil dólares, o equivalente a cerca de 15 mil reais, para fazer intercâmbio de um ano na África do Sul. Foi colocado em uma família hospedeira de negros que morava em um bairro também de negros, sendo que Daniel é branco. Na África do Sul existe um racismo muito grande inserido na cultura do país. Embora não tenha se sentido discriminado por ser a única pessoa branca no bairro, porque estava lá como estrangeiro, não podia receber nenhuma visita e nem levar ninguém até onde morava que não fosse da mesma etnia das pessoas do bairro. Depois de seis meses, pediu para trocar de família. O problema, desta vez, foi o ciúme. O casal hospedeiro tinha três filhas adolescentes que, segundo Daniel, controlavam tudo o que fazia, como o tempo em que permanecia com a luz acesa. Também notou que as três "irmãs" e a

Sem seleção

O casal John e Suzanne Jankovski de Manchester, Inglaterra, recebeu uma intercambista brasileira da EF por dez meses há três anos. Eles tiveram conhecimento da estudante através de um anúncio no jornal local que tinha uma foto da moça e o telefone de contato da EF no Reino Unido para quem quisesse recebê-la. "Eu só li que a eles falaram o dia que ela chegaria na minha casa. Não houve nenhum tipo de seleção para que a minha família recebesse a estudante", explica John.

Assim como o que aconteceu com Isabela, existem muitos casos de jovens que tive-

Texto: Luciana Osório Luz

Câncer na infância e adolescência

Uma em cada 600 crianças brasileiras terá a doença antes dos 15 anos

Crianças e adolescentes também têm câncer. Apesar de ser uma doença mais comum em adultos, no Brasil esta é a terceira causa de morte na infância e adolescência. De acordo com pesquisas médicas,

uma em cada 600 crianças brasileiras será portadora da doença antes de completar 15 anos. Os dados epidemiológicos também indicam o diagnóstico de mais de seis mil novos casos por ano. Em Florianópolis, no Ambulatório de Oncologia-Hematologia Pediátrica do Hospital Joana de Gusmão (Infantil), cerca de 150 pacientes. No total, eles fazem 2500 consultas por ano.

Há diferenças entre o câncer em crianças e adolescentes e o que atinge adultos. Uma delas é a resposta ao tratamento: geralmente, crianças e adolescentes respondem melhor às sessões de quimioterapia. Além disso, os tumores infanto-juvenis alastram-se pelo corpo mais rapidamente. Os casos mais frequentes nessa faixa etária são as leucemias (câncer de sangue), os tumores cerebrais, abdominais, dos olhos, dos músculos e dos ossos.

Atualmente, mais de 60% deles podem ser curados através de quimioterapia, cirurgias, radioterapia e tratamentos de suporte, como por exemplo, antibióticos e exame de sangue. No entanto, conforme a médica oncologista Senen Dyba Hauff, o câncer em crianças e adolescentes costuma ser diagnosticado quando já

está num estágio avançado. "Os pediatras não acreditam que os pacientes podem desenvolver a doença. Desta forma, o tratamento pode complicar", lamenta.

Apesar de todos os avanços científicos e altos índices de cura, o impacto psicológico causado pelo câncer é muito grande nos doentes e em suas famílias. No Hospital In-

fantil, médicos, assistentes sociais, psicólogos e voluntários trabalham juntos com o objetivo de diminuir o sofrimento. De acordo com a Dra. Senen, nunca se deve mentir aos pacientes: "Às vezes os pais me pedem para esconder dos seus filhos o que eles têm, mas eu jamais escondo. Preciso manter uma relação de confiança com os meninos. Além disso, precisam saber para quem estão lutando". Conforme a médica, tratar crianças e adolescentes é mais fácil do que adultos porque estes são mais "amargos". O impacto econômico da doença também é grande: o tratamento completo custa entre 50 e 100 mil reais - sem contar as despesas com exames periódicos e medicamentos (uma pequena caixa deles

pode valer cerca de R\$700,00).

Dor e carinho

Mesmo sendo mais otimistas do que os adultos, os jovens pacientes são bastante afetados psicologicamente. "O que mais os aborrece não é tanto a consciência de que podem morrer, mas a perda do convívio social e a degradação física (perda de cabelo e até membros amputados)", aponta a psicóloga Teresa Girard, que trabalhou muitos anos no Ambulatório de Oncologia do Hospital Infantil. Nesses momentos, o carinho e a atenção tornam-se fundamentais para não deixar o paciente desmotivado. "Quem tem depressão, não resiste", alerta a psicóloga.

Em muitos casos, o tratamento não é capaz de vencer a doença. É nesse momento que a figura do médico torna-se mais presente. "Muitas crianças, pouco antes de morrer, pedem que eu as segure no colo", conta emocionada a Dra. Senen. A médica costuma compartilhar o drama da morte com a família dos doentes. "Tempos atrás, um pai de uma criança prestes a morrer ligava de hora em hora para dizer que sua filhinha estava parando de respirar. Eu dizia a ele, serenamente: 'Segure a mãozinha dela porque está morrendo'". A médica diz que a convivência com crianças doentes "mostrou-lhe a fragilidade da vida". **Texto: Fernanda Menegotto**

A História de Juliana S.F.R., que teve câncer aos onze anos

Há seis anos, a mãe de Juliana R. notou a presença de gânglios espalhados em várias regiões do corpo da menina. Apavorada, resolveu procurar imediatamente um pediatra. No entanto, o médico não descobriu o que tinha. Outros especialistas foram, então, procurados. Nada. Assim, durante seis meses, Juliana perambulou com seus pais por clínicas e consultórios de várias cidades e estados até sua doença ser diagnosticada. A menina de apenas 11 anos que adorava estudar e andar de roller, descobriu ser portadora de um tipo de câncer no sistema linfático, a Doença de Hodgkin. "Quando soube disso, chorei muito. Mas eu era muito criança, então não tinha a verdadeira noção de como era grave meu estado", lembra Juliana, hoje com 17 anos. Tem namorado há cinco e faz cursinho pré-vestibular para tentar o ingresso na Faculdade de Medicina da UFSC. Ao longo de dois anos, ela enfrentou tortuosas sessões de quimioterapia, radioterapia, além de ter tomado dezenas de medicamentos. "Até hoje lembro das sessões de quimioterapia. Vomitava muito e o meu braço ficava todo roxo com as picadas. Também podia sentir o caminho que os remédios percorriam no meu corpo, porque as veias ardiavam, queimavam", conta a estudante.

Juliana levava uma vida "quase normal" durante o tratamento, só não frequentava a escola. "Nunca, mas nunca mesmo deixei de andar de roller.", lembra. Ela ficou abalada com a perda dos cabelos, mas driblou o problema com um boné verde. Preconceito? Nunca ligou muito para isso. "Quando encontrava as meninas da minha idade, elas sempre cochichavam, entreolhavam-se com curiosidade. Mas não estava nem aí", diz Juliana.

Ela guarda muitas lembranças da época em que esteve doente, das quais tirou várias lições de vida. E relata uma delas: "Parei de reclamar tanto das coisas. Uma vez, fui a São Paulo fazer exames e vi uma senhora também com câncer, que chorava desesperadamente porque não podia mais levantar para lavar a louça. Aquilo me marcou muito."

Hoje, Juliana está curada. Mesmo assim, continua a fazer exames periódicos (até cinco anos depois de curada há risco da doença voltar).



A médica Senen com um paciente

Fotografia: Arquivo pessoal

Três passos para uma vida melhor

Coma mais

- Saladas, legumes
- Grãos e cereais integrais
- Leite e iogurte desnatados ou semi-desnatados
- Queijo branco
- Frango (sem pele) e peixe
- Azeite, vinagre, limão, alho, cebola, salsa, cebolinha, coentro, etc
- Frutas frescas e secas
- Alimentos preparados no vapor ou cozidos

Coma menos

- Alimentos gordurosos
- Alimentos salgados e enlatados
- Leite integral
- Queijo amarelo
- Carne vermelha, salame, salsicha, presunto, mortadela, lingüça, etc
- Maionese, creme de leite, molho de soja, sal
- Salgadinhos, biscoitos, batatinha frita
- Alimentos fritos, churrasco

Atividade física regular

- Salte da condução dois pontos antes, ou estacione um pouco mais longe e caminhe.
- Troque o elevador pelas escadas.
- Aproveite a hora do almoço para uma caminhada.
- Leve o cachorro para passear.
- Lave o carro, cuide do jardim, varra a casa.
- Levante para mudar o canal da tv ao invés de usar o controle remoto.
- Saia para dançar de vez em quando.

Faça 30 minutos diários de atividade física, leve ou moderada, mantendo uma frequência diária. Não esqueça de procurar um especialista antes de começar um programa de exercícios

Pense leve

- Sirva porções pequenas e não repita.
- Evite tentações como doces e biscoitos.
- Quando bater "aquela" fome no trabalho tenha uma fruta à mão.
- Não vá ao mercado com fome. Você pode acabar comprando mais do que o necessário



Você sabia? O excesso de peso pode aumentar o risco de doenças graves como alguns tipos de câncer, diabetes e problemas no coração.

Você sabia? Uma alimentação balanceada ajuda a prevenir o câncer e várias outras doenças.

Você sabia? As atividades físicas fortalecem o corpo e a mente, aumentando o bem-estar e diminuindo o estresse.

Doentes podem sair dos manicômios

A lei, aprovada em abril, redefine o modelo de tratamento de doentes mentais no Brasil

O Congresso aprovou e o presidente da República sancionou, no mês de abril, a lei que trata da proteção do doente mental e define o modelo assistencial psiquiátrico que será adotado no Brasil, priorizando os serviços ambulatoriais substitutivos. O projeto estava em tramitação há doze anos, quando foi proposto pelo deputado Paulo Delgado (PT).

A coordenadora do Núcleo de Atendimento Psicossocial (Naps) de Florianópolis, Tânia Maris Grigolo, diz que, apesar do projeto original ter sido alterado, a aprovação da lei é um avanço. O texto original estipulava prazo para acabar com os hospitais psiquiátricos. Para o Presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB Doriam Esteves, a lei do deputado Paulo Delgado é extremamente importante. Ele explica: "É um instrumento escrito que indica um ideal a ser conquistado. Não é o fato de promulgar uma lei em um dia que, no dia seguinte, as coisas deixam de ser aquilo". O advogado, preocupado com o futuro dos doentes, alerta: "O Estado não tem a menor preocupação em investir nos doentes mentais, eles não constituem uma força de trabalho. Muitos familiares não têm condições de cuidar do doente. Há um processo de exclusão".

Substituição do Atendimento

Existem hoje mais de 200 serviços que substituem os hospitais psiquiátricos. Entre eles estão os Naps, os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), Hospital Dia e Moradias Protegidas. Restam, ainda, 256 hospitais psiquiátricos. Conforme o deputado estadual Volnei Morastoni (PT),

o estado de Santa Catarina gasta 80 milhões de reais por ano em psiquiatria e 90% da verba recebida vai para a internação. O deputado disse também que 40% dos pacientes ocupam os mesmos leitos há vários anos.

Segundo Tânia Grigolo, existem portarias do Ministério da Saúde que destinam recursos para o funcionamento dos serviços substitutivos. Para ela, o principal problema é que o dinheiro não chega aos municípios. Em Santa Catarina existem 11 Naps, que atendem no máximo 60 mil pessoas. Em Florianópolis, no bairro Agrônômica, o serviço atende 45 pessoas por dia. Segundo a psicóloga, não existe nenhum apoio do estado para que novos Naps sejam construídos.

O Centro de Convivência Sant'Ana, de São José, iniciou a reforma há seis anos, após uma vistoria do Ministério da Saúde, que constatou irregularidades. O atual diretor do centro, Marcos Zaleski explica: "Naquela época eu era diretor clínico. Fizemos um movimento de pressão junto aos familiares com direito à aposentadoria, para que cuidassem do seu paciente. Ou eles faziam isso ou um curador do hospital ficaria responsável pela aposentadoria".

Em 1995, o hospital tinha 900 internos. Atualmente existem 400 leitos e o hospital

não tem vagas para novos moradores. Hoje, está dividido em Instituto de Psiquiatria, que interna apenas pacientes em surto agudo, e Centro de Convivência Sant'Ana, onde ficam os abandonados pelos familiares. Segundo o diretor, existem moradores que estão no hospital desde sua fundação, há 60 anos. No Centro de

Convivência, os leitos são divididos em enfermarias para moradores masculinos e femininos, unidades de gestão participativa e pensões

protegidas.

As pensões protegidas funcionam como casas, em que os pacientes têm sua televisão e sua roupa própria obtidos com o dinheiro que administram. Para a coordenadora do Naps, as pensões protegidas significam o momento de transição da hospitalização para o retorno a casa. A psicóloga alerta para o perigo das pensões ficarem estacionadas: "Não me parece que a direção da Colônia Sant'Ana queira fechar o hospital. Estão maquiando a exclusão através deste tipo de pensões ou até a mudança de nome do hospital".

O coordenador de saúde do estado de Santa Catarina afirma ter aceito o cargo de diretor para transformar o hospital Colônia Sant'Ana em uma instituição moderna: "O nosso projeto é basicamente ambulatorial e totalmente contrário aos manicômios", defende.

Pacientes Presos

Os hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), que abrigam infratores, não terão que adotar o modelo substitutivo, pois estão vinculados ao Ministério da Justiça. A chamada internação compulsória é determinada por um juiz que, de acordo com o laudo médico, dá a sentença. "A Justiça reconhece o doente mental como imputável, mas ao mesmo tempo aplica o que chama de medida de san-

ção, que não é uma pena normal. É uma pena privativa de liberdade, em que os doentes são considerados criminosos", explica o advogado Doriam Esteves. A pena pode ser de um a três anos. O portador pode voltar ao hospital de custódia, caso cometa algum crime ou entre em surto.

O Hospital de Custódia de Florianópolis foi fundado em 1971. Na época, o hospital abrigava 45 doentes. Hoje, existe uma superlotação das celas: 100 doentes cumprem pena. O Hospital de Custódia de Florianópolis, localizado junto ao complexo penitenciário, no bairro Agrônômica, é o único do estado. Apenas 10% dos internos são da capital. Conforme a coordenadora, Maria Guadalupe, a instituição não tem condições nem de atender ao chamado da grande Florianópolis e reclama: "Há épocas que faltam medicamentos, material de higiene, espaço físico e tem uma pequena equipe técnica capacitada, já que a maioria é de agentes prisionais".

No Fórum Catarinense de Saúde Mental, em maio deste ano, houve uma grave denúncia de violação dos direitos humanos por parte dos agentes prisionais que trabalham no Hospital de Custódia. Jailson Luiz Belli, cumprindo pena há 15 anos, disse que foi amarrado e espancado pelo agente Gilberto Jacinto. O interno revela ter presenciado muitas torturas e casos de suicídio de pacientes que não suportavam as agressões.

O deputado Volnei Morastoni esclarece que o Ministério da Justiça formou uma comissão, responsável pelo levantamento da situação de todos os Hospitais de Custódia brasileiros. "O nosso tem problemas sérios, fez parte de nossas visitas e, de todos os serviços que visitamos, é o pior. É o que mais lembra o modo de l'os manicômios", critica.

Texto: Louise Lazzari

Principais Pontos da Lei

1. O estado deve desenvolver uma política de saúde mental, dar assistência e promover ações para os portadores de transtornos psíquicos. Ela deve contar com a participação da família e da sociedade. O atendimento deve ser feito em entidades ou instituições que prestem esse tipo de tratamento.

2. Qualquer modalidade de internação só será indicada quando os recursos extra-hospitalares forem insuficientes. O tratamento deve ter a finalidade de promover a reinserção social do paciente. Além disso, a internação deve oferecer assistência integral ao portador de transtornos psíquicos (serviços médicos, assistência social e atendimento psicológico ocupacional, entre outros).

3. A internação psiquiátrica involuntária deve ser comunicada ao Ministério Público Estadual no prazo de 72 horas. A alta também deve ser informada. O término da internação involuntária deve ocorrer por solicitação escrita de familiar, responsável legal ou especialista a cargo de tratamento.

4. A internação compulsória é determinada pelo juiz, que levará em conta as condições de segurança do estabelecimento quanto à salvaguarda do paciente, dos demais internados e funcionários.

Fotografia: Louise Lazzari

Hospital Santa Tereza faz 60 anos

O antigo leprosário continua atendendo pacientes portadores de hanseníase

Há sessenta anos, a hanseníase - então conhecida como lepra - era uma doença assustadora, que causava deformações físicas nos portadores e muito medo na sociedade. Acreditava-se que podia ser transmitida pelo tato, o que tornava obrigatório o isolamento dos doentes. As famílias abandonavam os leprosos e o preconceito tornou-se o principal inimigo daqueles que conviviam com a doença.

Com o objetivo de evitar a disseminação da doença, o governo federal desenvolveu um projeto para criar, em todos os estados brasileiros, uma colônia destinada a abrigar e isolar os portadores de lepra. Em Santa Catarina era realizado um censo para verificar o número de contaminados, obrigados a ir para a Colônia Santa Tereza, fundada em 1940 e localizada em São Pedro de Alcântara. Lá, encontraram uma grande estrutura, criada para tentar reconstruir a vida que estavam deixando pra trás.

Os doentes que chegavam eram acomodados em pavilhões e separados conforme o sexo. As famílias e os pacientes da colônia que casavam entre si - o que era muito comum - ganhavam uma pequena casa com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Toda a estrutura da colônia era mantida pelo Estado. Os 14 médicos e funcionários recebiam casa e alimentação. Para os doentes, o Estado fornecia todos os medicamentos, roupas, produtos de higiene e refeições.

Uma pequena cidade foi construída na Colônia Santa Tereza. A delegacia cuidava dos pacientes que tentavam fugir. Para os mais rebeldes, existia uma pequena cela. Uma moeda própria possibilitava aos internos a compra de algumas mercadorias consideradas supérfluas pelo Estado, como perfumes, cigarros e batons. Para a diversão dos funcionários e pacientes, foi criado um teatro, onde também funcionava o cinema e a sala de jogos. A aposentada Angela de Souza Stähelin, que trabalhou como escriturária no hospital, de 1947 a 77, conta que "vinham muitas peças teatrais, shows com grandes nomes da época, e eram passados os melhores filmes no cinema". Prefeitura, escola, um pequeno mercado, igreja, cemitério, uma rádio difusora e um campo de futebol completavam a estrutura da colônia.

Entre aqueles que trabalhavam no hospital havia, no entanto, o medo de contrair a doença. Praticamente não existia contato direto entre os funcionários e os doentes. As correspondências escritas pelos pacientes eram colocadas em uma bandeja e esterilizadas em uma estufa. Os funcionários eram proibidos de usar calçados



Casas de hospedagem no hospital Santa Tereza

abertos e os médicos receitavam os remédios, distribuídos pelos próprios pacientes. Alguns doentes trabalhavam na enfermaria, ajudando a fazer os curativos. As visitas eram feitas todas as quintas e domingos, através de uma grade que separava doentes e visitantes.

Mudanças

Na década de 60, a evolução no tratamento reduziu o número de internos do hospital. "Com o novo medicamento (Sulfona) os portões da colônia começaram a se abrir e aqueles que para cá vieram, sabendo que nunca mais iam sair, agora podiam voltar para casa", afirmou o enfermeiro e supervisor do programa da hanseníase do Hospital Santa Tereza, José Augusto da Silva Velho. Em 1970, houve um esforço nacional para acabar com o preconceito contra a doença. As colônias de tratamento passaram a ser chamadas de hospitais e o nome *lepra* foi substituído por *hanseníase*.

A saída de muitos doentes causou um abandono da estrutura do hospital e o estado precário de conservação impossibilitou a utilização de alguns dos espaços pelos pacientes e funcionários. Para manter o hospital funcionando e justificar a grande estrutura existente, foram criados programas fora do tratamento dos portadores de hanseníase. Em 87, através de uma parceria com o hospital psiquiátrico Colônia Santana, foi criada a Unidade Ana Tereza, com 50 leitos destinados aos doentes classificados como "crônicos institucionalizados", que podem conviver com outras pessoas mas não

têm amparo familiar. No ano seguinte, foi fundado o Centro de Convivência e Recuperação da Saúde de Dependentes Químicos.

Em 98, o Hospital Santa Tereza começou a ser reformado. Os pavilhões e casas dos antigos pacientes foram pintados e os telhados restaurados. Em maio deste ano, com a visita do governador do Estado, Esperidião Amin, a secretaria de Saúde se comprometeu em financiar as obras da enfermaria e da cozinha. Já a recuperação do antigo teatro ficou a cargo da Fundação Catarinense de Cultura.

Situação hoje

A enfermaria continua funcionando com a mesma estrutura de 60 anos, com o piso de madeira e sem separação dos leitos, e ainda atende só os portadores de hanseníase. Com a reforma, o hospital quer que a enfermaria possa atender pacientes dos três programas existentes no Santa Tereza e a comunidade em geral. Atualmente, os da Unidade Ana Tereza e do Centro de Recuperação de Dependentes Químicos são atendidos fora do hospital quando precisam de internação. A situação da cozinha é mais grave. A antiga não tem mais condições de funcionar e um espaço provisório foi montado para o preparo das refeições do Hospital.

O teatro da colônia também está abandonado. O espaço, antes garantia de diversão aos doentes e funcionários, agora está em ruínas. "O teatro é o sonho da gente", afirma a secretária de direção do hospital, Jane

Mara Honorato. Ela diz que, enquanto a enfermaria e a cozinha são indispensáveis ao funcionamento do hospital, é o teatro que traz diversão e alegria para os que trabalham e vivem no Santa Tereza. Um projeto para a recuperação do teatro está sendo desenvolvido junto ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC. Além das propostas para os espaços do antigo teatro, um projeto de paisagismo em todo o hospital está sendo desenvolvido pelo grupo, coordenado pela professora Ana Amora. É este o projeto que será encaminhado para a Fundação Catarinense de Cultura, responsável pela reforma.

Atualmente, o Hospital Santa Tereza conta com 117 funcionários e 158 leitos, sendo 63 ainda reservados aos pacientes de hanseníase. Alguns deles estão no hospital desde a criação, em 1940, porque não têm para onde ir. Segundo o enfermeiro José Augusto da Silva Velho, faltou um trabalho social junto com a criação das colônias de tratamento.

Atualmente, o maior problema da doença é o preconceito social, já que os medicamentos possibilitam a cura em pouco tempo. Os portadores têm medo de serem excluídos pela própria família. Hoje, o Brasil é o segundo país com maior número de casos de hanseníase em todo mundo, ficando atrás apenas da Índia.

Texto: Camila Bruna e Elisa Corrêa

O que é hanseníase

O nome lepra deu lugar ao de hanseníase. A doença causada pelo bacilo *micobacterium leprae*, é transmitida pelas vias respiratórias, principalmente boca. É de difícil transmissão já que, para uma pessoa ser contaminada, é necessário que mantenha uma convivência íntima e prolongada com um doente não medicado contra a hanseníase. Além disso, é preciso que as células de defesa da pessoa estejam num nível muito abaixo do normal. Até pouco tempo atrás, acreditava-se que a lepra era transmitida pelo tato, o que explica o isolamento obrigatório dos doentes. O bacilo causador da hanseníase tem preferência por terminações nervosas, como os pés e as mãos, instalando-se no sistema nervoso periférico. O *micobacterium leprae* reproduz-se lentamente, o que faz com que os primeiros sintomas apareçam cerca de quatro anos após a contração da doença. Os principais sintomas são: manchas (com efeito de anestesia) e nódulos na pele, dores articulares, formigamento na palma das mãos e dos pés e sensação de areia nos olhos.

A falta de sensibilidade nas mãos e nos pés é a principal causa das lesões. Muitos apresentam queimaduras, cortes e feridas causadas por acidentes provocados pela sensação de anestesia nas extremidades.

Existem quatro tipos diferentes da doença, sendo dois transmissíveis e dois não. Os primeiros são tratados num período de seis meses. Os tipos não transmissíveis levam de um a dois anos de tratamento. Mas mesmo com os novos medicamentos, a deformação física ainda pode ocorrer, como cegueira e atrofia.

O Preço da Ilusão completa 44 anos

Primeiro longa-metragem produzido em Florianópolis está desaparecido

O primeiro longa metragem catarinense foi feito em 1957 e, apesar das dificuldades técnicas e financeiras, teve o mérito de ser uma produção local numa cidade praticamente sem espaço para a arte.

Na Florianópolis das décadas de 40 e 50 a moda dos cineclubes, com a proposta de assistir e discutir cinema, contagiava os artistas catarinenses do Grupo Sul, criadores do Clube de Cinema de Florianópolis.

A idéia de produzir um filme catarinense surgiu das discussões sobre filmes brasileiros e sobre o cinema novo, de Gláuber Rocha. "Já tínhamos uma editora, uma revista, um grupo de teatro e de artistas plásticos, por que não fazer um filme?", indagava o escritor Salim Miguel. Ele foi criador junto com sua esposa, Eglê Malheiros, do argumento e do roteiro do filme.

"O primeiro passo foi criar um argumento e roteiro viáveis, que dissessem respeito à Ilha que não existe mais. A nossa intenção era mostrar a Florianópolis da época, uma cidade que não tinha esses prédios, essa parafernália toda" afirma Salim. *Caminhos do Desejo* era o título provisório, entretanto, o produtor, Armando Carreirão, mudou o nome para: *O Preço da Ilusão*, por considerá-lo mais atrativo. O objeti-

vo era fazer um filme com 70% de cenas externas. A Ponte Hercílio Luz, o Mercado Público Municipal, as ruas estreitas, becos, bares e recantos pitorescos da ilha eram os principais personagens do filme.

De acordo com o produtor era preciso buscar recursos para realizar o trabalho. O orçamento do filme foi de dois milhões de cruzeiros e o pagamento seria feito em duas etapas. A primeira foi através do financiamento de cotas entre as pessoas interessadas, amigos e conhecidos. A segunda deveria ser financiada pelo Banco do Estado de São Paulo, mas devido a demora na preparação do filme, a divisão responsável por destinar o dinheiro foi extinta. Carreirão foi quem ficou com o prejuízo: "Ninguém me ajudou, eu tive que fazer mágica, arrecadar dinheiro durante cinco ou seis anos para pagar a dívida" - lembra. "O filme não teve retorno e me deu muita dor de cabeça".

O Preço da Ilusão narrava duas histórias paralelas com um final comum: o término dos sonhos. A primeira história era sobre uma funcionária pública que sonhava com o sucesso, e com a ajuda de um patrocinador corrupto, ganhou o concurso "Rainha do Verão". A outra, sobre um menino que arrecadava dinheiro para montar um grupo de boi de mamão, mas viu-se obrigado a gastar as economias em remédios para a mãe doente.



Fotografia: Reprodução



Fotografia: Reprodução

Cena do filme

Numa noite de chuva o garoto sai apressado para comprar os remédios e assiste à cena em que o carro, onde estavam a protagonista e o vilão, cai da ponte Hercílio Luz. Espantado, o garoto começa a correr e deixa o dinheiro cair das mãos e ser levado pelo vento.

Salim lembra momentos curiosos das filmagens: "A cena era de praticamente um minuto e demorou a noite toda para ser gravada. A seqüência passava-se no Poema-Bar (antigo bar localizado perto da praça 15 de Novembro), e era preciso que os figurantes fingissem estar bebendo.

Mas, eles se recusaram a tomar refrigerante, queriam beber mesmo! O resultado: beberam tanto que talvez por causa disso tenham se saído bem na cena."

O elenco foi escolhido em testes feitos no próprio escritório de contabilidade de Carreirão, na rua Jerônimo Coelho, no centro de Florianópolis. A estudante de Direito, Lilian Bassanesi, entre 200 concorrentes, ganhou o papel da protagonista Maria da Graça. O único ator contratado com alguma experiência foi Celso Borges, no papel de Vilão. Além do elenco principal, participaram do filme centenas de figurantes.

A campanha publicitária propunha: "Venha assistir *O Preço da Ilusão*, quem sabe

você não aparece?". A pré-estréia foi bem divulgada, mas nem tão bem executada. Devido à demora na preparação, o filme não havia sido projetado anteriormente e na hora da exibição oficial verificou-se a péssima qualidade do som, a mixagem ruim, incoerente visão de montagem, e má qualidade da cópia em 35 mm.

Do filme *O Preço da Ilusão* foram feitas três cópias em 35 mm e uma em 16 mm. Uma das cópias de 35mm o grupo abandonou devido a grande quantidade de falhas técnicas, outra desapareceu quando era exibida no interior de Santa Catarina. A terceira cópia 35mm sumiu misteriosamente do Cine São José, em 1970. É provável que a cópia de 16 mm esteja em algum laboratório de São Paulo, onde um montador junto com outro amigo se propôs a remontar o filme, trabalho que não concluiu devido uma briga entre os dois.

"O grande mérito de *O Preço da Ilusão* foi a sua própria realização, numa cidade totalmente rarefeita às coisas da arte, e numa época em que equipes profissionais muitas vezes abandonavam um filme, inacabado, diante das dificuldades, já é uma vitória um grupo de amadores ter levado a tarefa até o fim. E com pouquíssimos recursos, financeiros e técnicos, feito por pessoas que nunca tinham visto cinema nos bastidores."

*do livro: *Cinema em Santa Catarina*. Pires, José Henrique.

O Preço da Ilusão narra duas histórias paralelas com um final comum:



Fotografia: Divulgação

Texto: Fernanda Krelling e Sabrina Domingos

“Caso Orofino” ainda não foi esclarecido



Fotografia: Marcos Franzoni

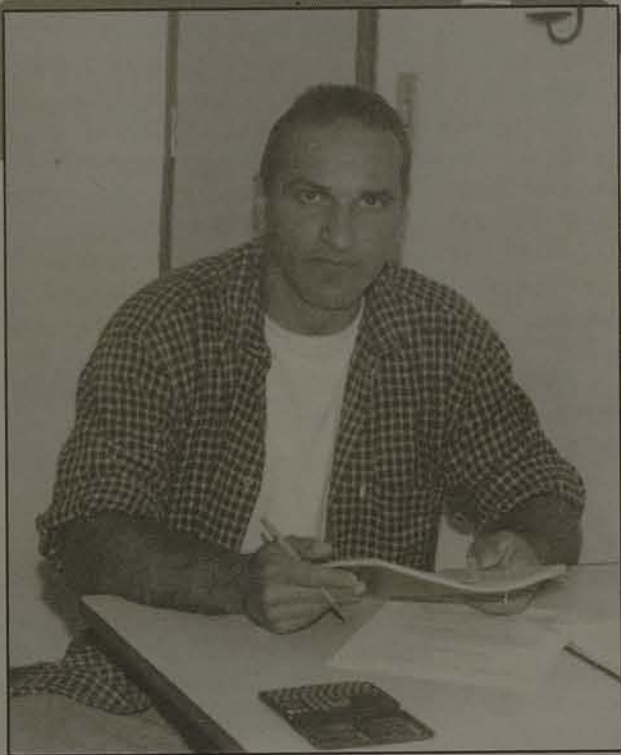


Ilustração: Wagner Maia

Miguel Orofino foi o superintendente da construção da ponte Pedro Ivo Campos de março de 1987 a março de 1991. A obra, que tem cerca de 1400 metros de comprimento e liga a ilha de Florianópolis ao Continente, custou 57 milhões de dólares. Uma perícia realizada no início da década de 90 pelos engenheiros Celito Cordioli e Wilson Kopsch constatou um superfaturamento de 24 milhões de dólares. Foi com base neste trabalho que a justiça condenou Miguel Orofino por desvio de verbas.

O engenheiro foi procurado pela Polícia Federal durante cinco anos. Ele foi encontrado em outubro de 1997 na cidade de Sintra, em Portugal. Orofino ficou preso em regime fechado durante três anos no quartel da Polícia Militar, no centro de Florianópolis. Desde o dia 11 de março deste ano o engenheiro está em liberdade condicional, vivendo no bairro do Kobrasol, em São José.

A defesa do engenheiro Miguel Orofino pediu ao Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura de Santa Catarina (Crea-SC) a expulsão dos engenheiros Celito Cordioli e Wilson Kopsch, responsáveis pela perícia feita na ponte Pedro Ivo Campos no início da década de 90. O trabalho foi peça central da condenação de Orofino, que rendeu ao ex-superintendente da obra 11 anos de pena pelo desvio de 24 milhões de dólares.

O advogado de Orofino, Leoberto Caon, protocolou no Crea o pedido de expulsão dos peritos no dia 31 de maio. Ele acredita que essa conquista deva ajudar o engenheiro a provar a inocência no caso. Caon está também

esperançoso por causa da solicitação de uma nova perícia nas obras da ponte, feita através de uma ação ordinária de reconhecimento de direito. O Tribunal de Justiça acolheu o pedido para análise e atualmente o processo aguarda parecer do Ministério Público.

O pedido de expulsão não visa unicamente à punição dos peritos. Miguel Orofino espera usá-lo como novo elemento de defesa nos proces-

sos que correm na justiça. "A expulsão deles vai pressionar a justiça a realizar uma nova perícia que vai desmistificar tudo".

Em 99 o Crea já penalizou os dois engenheiros responsáveis pela perícia com uma advertência reservada - a mais branda das punições que o Conselho pode aplicar. Em março deste ano eles foram considerados, pelo próprio Crea, "incapazes tecnicamente para realizar o trabalho".

Orofino conta verdade sobre o processo em que o culparam

Acusado pelo de desvio de verbas e superfaturamento na construção da ponte Pedro Ivo, Miguel aponta os culpados na sua versão dos fatos

Marcos Franzoni - Por que você resolveu viajar para Portugal?

Franzoni - Como você vivia em Portugal?

Miguel Orofino - A razão da viagem foi a Meire (Ouriques) e muita gente confunde as coisas até hoje. Mas depois de nove anos tentar mudar a cabeça das pessoas é muito difícil, porque foi martelado sistematicamente pela mídia que eu roubei da ponte e fugi. Não adianta contar história contrária. Ninguém acredita e tu ficas fazendo papel de babaca. O importante é que eu e Meire sabemos da história e agente dá gargalhada dessa situação toda.

Franzoni - Qual foi o percurso que você fez para chegar até lá?

Orofino - Eu sai daqui em março de 92 e viajei para Argentina. De lá fui ao Peru e depois ao Caribe. No Diário Catarinense aparece que eu fui a Cancun, mas é tudo mentira, eu só sei que fica no México. Mas enfim, fui a Aruba, depois fui para Colômbia e então viajei para Portugal, onde me estabeleci. Aí aconteceu aquela passagem da Olimpíada, porque era um sonho meu e da Meire ir assistir a uma Olimpíada e fui a Barcelona de carro. Comprei um Citroën velho e fui para Barcelona. Foi quando aparecemos na TV.

Orofino - Fiquei trabalhando em Portugal dois anos numa empresa, dois em outra e ao final de quatro anos montei a minha própria empresa. Uma construtora que fazia reformas de interiores junto com dois sócios portugueses. Quando eu estava começando a me estabilizar, fui preso. E eu tive sorte porque os dois sócios me devolveram as cotas que eu tinha pago, o que na época valia algo em torno de cinco mil dólares, e foi esse dinheiro que ajudou a Meire a vir pra cá. Eu vim preso, por conta do governo e ela teve que pagar a passagem dela e se estabelecer aqui. Daí pra frente eu fiquei preso.

Franzoni - E você viajou com nome falso?

Orofino - É outra coisa importante que aparece no DC. O jornalista tem que aprender a verificar a veracidade da história. Eu já insisti com os caras, já chamei até aquele tal de Fabrício do DC e falei para ele mudar aquela história. Porque a versão do DC é que eu fugi com nome falso de Raul Martinelle e a Meire como Maria Mendes. Até hoje eles insistem com essa história. Eu nunca fugi com nome falso, sempre usei meu passaporte. Em Portugal também, sempre usei meu nome, meus documentos e inclusive tinha pedidos de residência lá.

Franzoni - E por que a polícia não chegou a você antes?

Orofino - Eles já sabiam onde eu estava a muito tempo por-

que em 96 renovei meu passaporte no Consulado Brasileiro em Lisboa. Se eu era procurado eles deveriam saber imediatamente que estava lá. Só foram me prender um ano depois. Por isso eu tenho certeza que sabiam onde eu estava a muito tempo as acusações e achei uma coisa maluca. Então pensei, isso aqui eu desmistifico lá assim que chegar. E não consegui.

Franzoni - Por que?

Orofino - Porque tinha sido feita uma perícia por dois caras que não entendiam nada de construção civil e todo mundo passou a aceitar aquilo como verdade. E daí pra frente, depois de martelar pela imprensa aquela coisa toda... porque a verdade não é o fato em si, é a versão que dão pra ele. E depois desses anos todos não tem mais nada que se diga que possa modificar alguma coisa.

Franzoni - Então a perícia foi feita toda de maneira errada...

Orofino - Botaram um perito criminalista para fazer a tal da perícia. O delegado de polícia na época determinou que esse cara fizesse uma perícia numa obra de construção civil. Já errou de partida porque a lei 5194 prevê que em qualquer órgão público o serviço técnico tem que ser feito por profissional especializado. Quando eu voltei preso, argumentei isso no Tribunal de Justiça e no Fórum de Florianópolis mas nenhum juiz nem desembargador deu bola pra isso. Simplesmente continuaram

desconsiderando esse aspecto. Esse criminalista, que é o Celito Cordioli, começou a fazer a perícia e não deu conta, então pediu ao Secretário de transporte que indicasse um engenheiro que o ajudasse. Aí indicaram o Wilson Kopsch, que é um engenheiro especializado em pontes rodoviárias.

Franzoni - Mas o Kopsch é engenheiro civil. Ele não era competente para fazer a perícia?

Orofino - Acho o Kopsch um cara muito competente, mas acontece que ele tá acostumado a fazer ponte rodoviária e isso eu faço todo o dia. Pontes de pequeno porte que são praticamente tabeladas e basta copiar o projeto para fazer outra. O Kopsch, acostumado a fazer ponte desse tamanho, resolveu se achar competente também pra analisar e dizer se estava certa ou errada uma obra como a ponte Pedro Ivo. Nem o Kopsch nem o Celito tinham capacidade para analisar a complexidade de um contrato daquele. Aliás, a especialidade do Celito é acidente de trânsito e som, ele mede barulho quando o vizinho reclama. O trabalho não é desmerecedor mas acontece que a especialidade dele é essa.

Franzoni - Então a melhor solução foi apelar para o Conselho de Ética do Crea-SC?

Orofino - A minha luta toda foi essa: fazer com que a justiça entendesse que aquilo tudo não tinha nada que a própria Justiça estava agindo em descumprimento da lei. Existe uma lei federal que determina que os trabalhos técnicos devem ser feitos por profissionais habilitados no Crea. Isso não foi feito e a justiça continua desconsiderando, então entrei no Conselho de Ética do Crea contra esses dois profissionais. Foi em 99. Antes eu tentava provar minha inocência através do poder judiciário e não conseguia, então fui para o Crea. Estava esperando fazer quando estivesse solto, mas como também não me soltavam nunca....

Franzoni - Até onde vai a política no caso?

Orofino - Eu pedi o abrandamento da preventiva. O mesmo cara que soltou Luís Estevão me manteve preso aqui. Todos os processos lá de Brasília estão em baixo da bunda de um senhor chamado Fernando Gonçalves, que é ministro do STJ. Tem recurso meu que está lá a dois anos e o cara não move uma palha. Acho que a política vai até aí, esse Fernando Gonçalves sabe do meu caso, tem lá pelo menos dez processos meus entre recursos, apelações e petições. Mande esse negócio do Crea para ele e a decisão do João Martins (Desembargador....) em autorizar a gratuidade da perícia e o homem não move uma palha.

Franzoni - Foi daí que surgiu a idéia de escrever o livro?

Orofino - Isso me levou a escrever um livro de como se pratica e se distribui a justiça no Brasil. Tenho mais de 800 páginas escritas à mão quando estava preso. Estava escrevendo sobre todos os assuntos e agora estou separando os assuntos. Minha história com a Meire é um assunto. A história da ponte e dos processos é outro, mas a história dos processos na Justiça envolvendo perícias em idas e vindas, essa é o mais interessante.

Franzoni - Por que você escolheu dar ênfase aos problemas do sistema judiciário?

Orofino - Porque eu fico conversando com as pessoas descubro cada vez mais coisas erradas. Ou a gente dá um jeito no Judiciário ou esse país nunca vai ser uma democracia. A raiz de todo o problema que acontece no

país está numa fraqueza do poder judiciário. O pobre normalmente é perseguido e o rico beneficiado. Mas acontece que no próprio poder judiciário o corporativismo é tão grande que eles não querem saber de reformas.

Franzoni - A intenção é jogar com a repactuação da Expressa Sul do seu lado?

Orofino - Botando a mão nessa papelada da Expressa Sul posso usar como prova a meu favor mostrando que isso já foi feito lá e ninguém reclamou de nada. Fiz uma repactuação muito menor na ponte. Como podem me acusar se o procedimento foi igual?

Franzoni - Por que foi feita a repactuação na ponte Pedro Ivo?

Orofino - O Amin teve quatro anos pra fazer aquela ponte, de 82 a 86, e não fez. Quando a obra fica parada à beira da água, os equipamentos se deterioram, as máquinas enferrujam e quando se vai retomar, o empreiteiro quer ressarcimento dessas coisas todas e isso vai encarecendo a obra. Mesmo assim com esse encarecimento todo, ficou praticamente no mesmo preço da ponte Colombo Sales (aproximadamente 53 milhões de dólares).

Franzoni - Por que você não conseguiu pôr a mão na papelada ainda?

Orofino - Depois do julgamento no tribunal o processo passou por cada desem-

bargador que estava naquela reunião do Pleno para que cada um fizesse a justificativa do voto. O primeiro e o segundo justificaram, até que o negócio caiu na mão do desembargador Carlos Prudêncio, no dia 6 de junho de 2000, e até hoje ele não fez a justificativa do voto e processo não foi publicado no Diário de Justiça. Por isso eu não consegui botar a mão na papelada. Porque esse cara está sentado em cima do processo. Pois é ele não um desembargador. Ele está embargando a justiça.

Franzoni - E por que o mandado de segurança contra o Leodgar Tiskoski?

Orofino - A obra da Expressa Sul começou no governo Kleinubing, passou pelo Paulo Afonso e entrou no governo Amin. Aí o Leodgar Tiskoski, que é o secretário responsável, fez uma repactuação (refez os termos do contrato) com os empreiteiros. Submeteu aquilo ao tribunal de contas e todo mundo aprovou, tudo correu às mil maravilhas e elevaram o preço da obra em mais de 100%. Ninguém foi acusado de superfaturamento. Eu repactuei a obra da ponte em cerca de 35% do valor inicial e me acusam não só de superfaturamento mas também de desviar esse dinheiro todo. Me acusam de ter desviado 24 milhões de dólares numa obra que custou 57 milhões como se eu fosse um mago financeiro que conseguisse fazer a obra pela metade do preço.

Franzoni - Você ficou satisfeito com a advertência reservada que o Crea-SC (através das Câmaras Especiais e do Conselho

de Ética) aplicou aos peritos?

Orofino - O Crea considerou que eles infligiram a legislação profissional e deu essa advertência. Eu estou recorrendo disso porque acho que eles cometeram um ato que me prejudicou demais. Fiquei três anos e meio preso e acho que advertência reservada é uma pena muito pequena para eles. Estou recorrendo ao Plenário do Crea para tentar aumentar essa pena. Quero que o Crea se manifeste com relação a validade daquele documento.

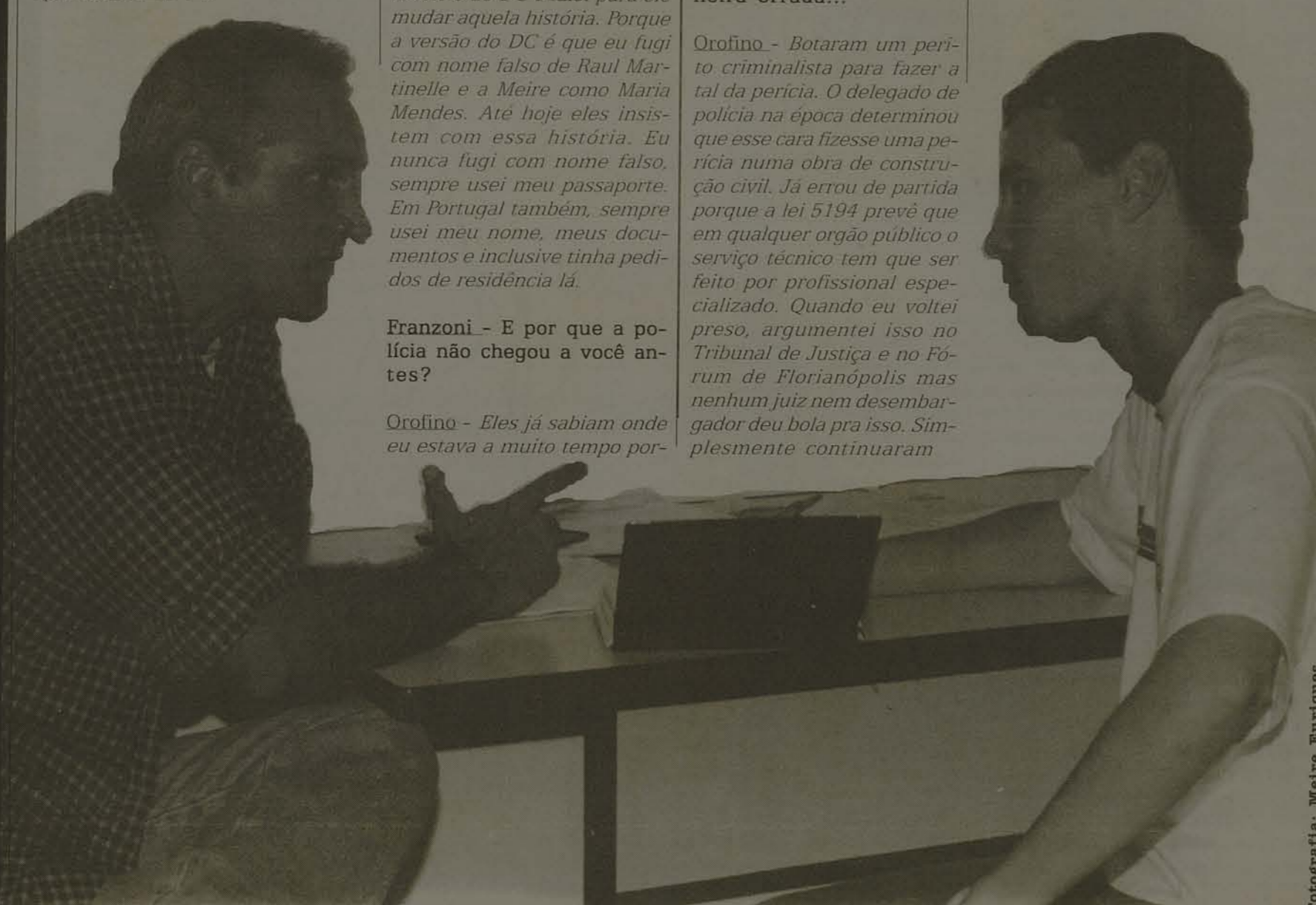
Franzoni - Você pretende pedir indenização?

Orofino - Vou pedir para todo mundo. Para o estado principalmente, porque todos eles trabalharam como funcionários públicos, tanto o delegado de polícia quanto os peritos, o juiz, o desembargador, o promotor e todos esses que me condenaram e contribuíram pra essa condenação. Já tenho uma ação contra o estado nesse sentido. Em relação a determinadas pessoas que agiram de forma pessoal contra mim, vou entrar na pessoa física.

Franzoni - Como foi o período que você ficou preso na PM?

Orofino - Eu não fazia nada, então lia muito, escrevia muito e quando aparecia algum projeto de cálculo de estrutura, eu fazia. Quando batiam na minha porta: Miguel eu tenho que fazer um puxadinho lá em casa. Disso aí eu fiz centenas. Era interessante para mim porque ficar parado era ruim, então eu aproveitava para praticar meu traço. Na realidade aquilo passou rápido, quando eu paro para pensar, vejo que foi um monte de tempo mas como eu ficava na expectativa de que a cada semana o processo seria julgado...e assim eu passei um ano, por exemplo, esperando por esse tal de Gonçalves (Ministro do STJ).

Franzoni - Você se sente satisfeito com a liberdade condicional?



Fotografia: Meire Ouriques

Orofino - É muito melhor ficar solto, mas é evidente que a minha luta vai ser pela anulação do processo. Essa liberdade faz parte de um processo que a lei me facultava. O FHC assinou um decreto no final do ano passado de indulto para determinados tipos de presos e comutação de penas para outros, e eu me enquadrava na possibilidade de comutação.

Franzoni - Que tipo de tratamento você recebeu nos meses em que ficou no albergue?

Orofino - No albergue já era diferente, eu trabalhava o dia inteiro e só ia lá para dormir. Mantive sempre os horários porque tinha na cabeça que a mínima falha era o suficiente para me ferrarem de novo. Lá eu era tratado com mais rigidez do que os outros albergados porque o diretor do albergue tinha medo da imprensa. Ele achava que qualquer regalia que me desse a imprensa ia cair em cima dele.

Franzoni - O que você espera da justiça agora?

Orofino - O Crea penalizou os dois peritos. Isso serve de demonstração para o poder judiciário de que aquele documento não vale como perícia. O poder judiciário já tá sabendo disso, o que já é motivo suficiente para anular os processos e como procedimento coerente deveria ser determinada uma nova perícia.

Franzoni - Como você e o Leoberto Caon (advogado de Orofino) vêm agindo para pressionar uma nova perícia?

Orofino - Em cada um dos processos eu venho pedindo novas perícias. Tem um processo na vara da fazenda onde o estado quer que eu pague o dinheiro que roubei. Nesse processo pedi a verificação do valor e aí o juiz despachou, acho que meio sem querer. Foi o Volnei Carlim na época. Ele disse: tudo bem, vamos fazer desde que tu pagues. Isso foi no início de 2000. Uma beleza, porque recorri ao tribunal dizendo que estava preso e não podia pagar. Então o João Martins despachou pela



Fotografia: Meire Enríques

Câmaras Especializadas e Comissão de Ética

As Câmaras Especializadas são órgãos do Crea-SC (Conselho Regional de

Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Santa Catarina) encarregados de fiscalizar e apontar infrações ao Código de Ética de cada uma das especializações profissionais. Existem sete câmaras especializadas no Crea-SC: Civil, Elétrica, Industrial, Agronomia, Geologia e Minas, Agrimensura e Arquitetura. Qualquer processo de infração ao Código começa a ser analisado por uma das Câmara Especializada. Esta vai decidir por encaminhar ou não o processo à Comissão de Ética, através de um parecer dado por um conselheiro.

Cabe à Comissão de Ética analisar os dados do processo, ouvir os envolvidos no caso e ao final dos estudos elaborar um parecer concluindo como e quais os artigos do Código de Ética foram infringidos.

A câmara especializada que deu origem ao processo coloca então em votação esse parecer e aplica uma das penas previstas na Lei 5.194/66 (advertência reservada, advertência pública ou suspensão do exercício profissional).

O profissional que sofrer a pena pode recorrer da decisão à Plenária do Crea-SC e, depois, à plenária do CONFEA (Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia).

A atual Comissão de Ética

A Comissão é composta por 5 conselheiros do Crea-SC que fazem parte das Câmaras Especializadas.

Engenheiro de Minas - Alexandre Barbosa Guimarães
Engenheiro Mecânico Eduardo Miers
Arquiteto Eduardo Vicente Tasca
Engenheiro Civil Rogério Novaes
Técnico em Agricultura Silvio Walter

Os Conselheiros se reúnem mensalmente (sempre na véspera da Plenária do Crea-SC que acontece geralmente na segunda sexta-feira do mês).

gratuidade. Agora o Estado vai ter que pagar tudo e tá muito certo. Porque que eu tenho que pagar pra provar minha inocência? Com isso ficou determinado em juízo de que tem que fazer uma nova perícia e nós vamos ter o resultado. Aí desmistifica tudo.

passaí tem é que ser assim. Espero que esse pessoal mostre coerência. A justiça não é aquela mulher cega com uma balança? Acontece que o prato do meu lado tá lá em baixo, cheio de pedra. Só pesa do meu lado.

Franzoni - Como você está vivendo hoje?

Franzoni - Você se sente perseguido pela imprensa?

Orofino - Quando eu viajei com a Meire eles aproveitaram e juntaram uma coisa com a outra e deu um folhetim. Se agente analisar bem, eu dei motivo pra eles criarem esse folhetim. Depois de criado eles explodem em cima. Dá para fazer uma novela. Eu sinto também que tem uns caras tão medíocres que prefiro nem comentar o trabalho deles. Só como exemplo te dou o Sérgio da Costa Ramos e o Paulo Alceu que já falaram uma quantidade enorme de besteiras. Eles nem se preocupam em conferir certas informações.

Franzoni - Você acredita que essa nova perícia vai ser feita?

Orofino - Leva dez anos e não sai perícia nenhuma. Claro, porque eles têm que manter essa farsa. Não é de interesse para ninguém. Não há interesse do PPB, PFL e nem do Judiciário, porque vai ter que reconhecer que errou quando me condenou. Eu espero que saia rápido, depois de tudo que

Orofino - Eu trabalho com obras de construção civil na empresa de um amigo que conheço há mais de trinta anos. Desde que cheguei preso ele insiste que precisa de mim e quer que eu fique junto dele para desenvolver melhor a empresa. Além disso sou um profissional liberal, sou engenheiro autônomo e trabalho com cálculo de estrutura. A Meire dá aula de natação, hidroterapia e hidroginástica. Por enquanto não tá dando pra viver muito folgado.

Franzoni - Você tem planos de voltar para Portugal?

Orofino - Tive várias propostas de trabalho em Portugal e continuo tendo. Tem gente me telefonando perguntando quando eu volto. Isso pra mim é motivo de orgulho. Eu digo que não posso porque agora não largo mais essa briga, agora eu pago uma boiada inteira pra não largar essa briga. Vou até o fim, vou mover processo contra essa gente toda e depois vou dar gargalhada porque eles vão me pagar tostão por tostão.

A onda que invade as academias

Body pump, body combat, lift training: Vale tudo para manter o corpo em forma

Fotografia: Beatriz Sônego de Luca/ montagem: Wagner Maia

A febre pelo corpo perfeito e saudável aumenta com a quantidade de novos exercícios cada vez mais intensos. No século 21 até as academias de ginástica entraram na onda da globalização. Hoje, aulas dadas em vários países. Quando podem ser as mesmas, incluindo coreografias, materiais e até músicas.

O *Body Pump* foi o início de tudo. Ele foi criado em 1990 na Nova Zelândia pela *Les Mills International*, uma equipe que envolve médicos, fisioterapeutas, professores de educação física, mecânicos e fisiologistas. "O objetivo do *Body Pump* era atrair mais pessoas para as academias, mesmo aquelas que não costumam frequentá-las e conseguir atingir resultados mais rápidos de uma maneira diferente", informa o material de divulgação na Internet.

Com essa técnica, é possível que o aluno trabalhe todos os grupos musculares através de exercícios localizados utilizando barras e pesos. Todos os movimentos da aula são feitos seguindo uma coreografia e acompanham os batimentos musicais. De acordo com o site do *Body Pump* (www.bodypump.com.br), "o próprio aluno combina a carga que vai usar em cada movimento, respeitando seu limite". A modalidade foi apresentada nos Estados Unidos em 1997, durante uma convenção da IDEA (*International Association of Fitness Professionals*), a entidade de profissionais que dita as tendências nas academias. Ainda no mesmo ano, o *Body Pump* se tornou uma franquia da *Les Mills International*, que no Brasil é comercializado pela *Body Systems* desde 98. Hoje as aulas podem ser encontradas em 58 países.

Nos últimos quatro anos, a equipe neo-zelandesa desenvolveu mais seis modalidades que também viraram franquias e seguem a mesma linha do *Body Pump*: o *Body Attack*, o *Body Balance*, o *RPM*, o *Body Combat*, o *Body Step* e o *Body Jam* (ver quadro ao lado).

Em Santa Catarina, cerca de 45 instituições possuem franquias da *Body Systems*. Para poder dar as aulas, a academia deve pagar uma mensalidade à empresa e ter profissionais formados por ela. "O professor tem que fazer um curso que varia de 15 dias a um mês para ter permissão de dar as aulas", conta Giba Zacouteguy, professor e proprietário da academia *Racer*, de Florianópolis. Os métodos ensinados no Brasil são exatamente os mesmos oferecidos em outros países.

Depois de formado, o professor tem permissão para dar as aulas durante três meses. Ao final deste período, deve mandar uma fita de vídeo gravada com uma hora de aula para ser avaliado pelos profissionais da *Body Systems*. "A fita não pode ter nenhum corte. A *Body Systems* faz uma fiscalização rígida para que ninguém dê as aulas sem estar preparado", afirma Giba. Se for aprovado pela equipe, o professor passa por mais um treinamento com técnicas e regras novas e continua com a licença. Esses novos exercícios são repassados aos alunos durante mais três meses quando uma outra avaliação será feita.

"O objetivo do *Body Pump* era atrair mais pessoas para as academias, mesmo aquelas que não costumam frequentá-las e conseguir atingir resultados mais rápidos de uma maneira

Versão brasileira

Vendo o sucesso do *Body Pump*, a paulista Cida Conti lançou o *Lift Training*. A modalidade também usa barras e pesos e tem coreografias e músicas padronizadas. "É como uma musculação dentro da sala de aula", conta Simone Somariva Vieira, professora de *Lift Training* da Academia Vitae, de Florianópolis. Para dar as aulas, o professor tem que passar por um treinamento, como funciona na *Body Systems* e, no mesmo período de três meses, deve se atualizar com novos materiais e técnicas. "A única diferença é que nós não



Aula do *Body System* da professora Simone Somariver

precisamos pagar mensalidades. Nós pagamos apenas o curso e os materiais. Assim os custos são menores para os alunos das academias também", explica. As aulas de Cida Conti já estão sendo dadas em Portugal e na Alemanha. Além do *Lift Training*, a professora desenvolveu o *Jumpfit*, uma aula que se espelha no *Body Jam* da *Body Systems*.

Tanto os exercícios da *Body Systems* como os de Cida Conti são recomendados para qualquer pessoa. "Como todas as aulas de ginástica, não é recomendado para jovens menores de 13 anos, porque o corpo ainda não está bem desenvolvido", comenta o professor da *Racer*. Além disso, alguns exercícios são de alto impacto, o que exige uma avaliação médica antes de iniciar as aulas. Os resultados são percebidos pelos alunos depois de três meses de treino. "Depende da dedicação do aluno. O ideal é que se pratique os exercícios pelo menos três vezes por semana", diz Simone.

Nas academias de ginástica de Florianópolis, o *Body Pump* e o *Lift Training* são os mais procurados dentre todas as modalidades oferecidas. "A gente perde muitas calorias numa aula gostosa de fazer", diz Fabiane de Alencastro, de 34 anos, que

pratica a modalidade há seis meses. "Os resultados são muito rápidos e a aula é muito divertida, nem se percebe o tempo passar", conta Ingrid Backes que é aluna de *Body Pump* há cinco meses.

Texto: Beatriz Sônego de Luca

Body Pump - Lift Training: aula composta de exercícios localizados, utilizando barras e pesos, enfatizando a melhoria da resistência e da força muscular.

Body Balance: atividade física fundamentada nos clássicos princípios do Yoga.

Body Attack: programa de condicionamento físico cardiovascular que utiliza metodologia de intervalos, onde são combinados exercícios aeróbicos de alta intensidade com trabalhos de força e estabilização.

Body Combat: programa baseado nas mais variadas artes marciais, pretende desenvolver a técnica dos golpes simultaneamente ao treinamento físico de todo o corpo.

RPM: Programa de ciclismo indoor.

Body Jam - Jumpfit: programa de exercícios em que o aluno fica pulando em cima de uma espécie de cama elástica individual.

Fonte: Site www.jumpacademia.com.br

Síndrome do pânico: os reféns do medo

Doença, pouco percebida, é cada vez mais comum nos dias de hoje

Medo da morte, insegurança, sensação de desproteção e impotência que tornam a pessoa prisioneira de seus medos. A Síndrome ou Transtorno do Pânico é uma resposta exagerada do organismo a uma situação normal da vida, como entrar na fila de um banco, dirigir ou assinar um cheque em público. Caracteriza-se por crises de medo, intensas, rápidas e recorrentes que levam à perda do controle. Segundo dados da Associação Nacional da Síndrome do Pânico, 70% dos casos são de pessoas entre 20 e 35 anos, na proporção de três mulheres a cada homem. "Geralmente, o transtorno atinge pessoas exigentes, perfeccionistas e que precisam estabelecer rotinas mais flexíveis", afirma a psicoterapeuta Márcia Alencar.

A doença pode ser definida como uma desordem de ansiedade, uma angústia desmedida causada por situações de pressão constante. Preocupações ilimitadas, expectativa exagerada diante de situações novas, conflitos frequentes no ambiente de trabalho podem provocar o pânico. As crises duram de 10 a 20 minutos que parecem longas e intermináveis horas para quem so-

fre da doença. Grandes mudanças na vida, como casamento ou separação, nascimento ou morte também podem levar ao desenvolvimento do transtorno.

O esgotamento físico e mental desequilibra a produção de neurotransmissores, substâncias produzidas no cérebro e responsáveis pela comunicação entre os neurônios (células do sistema nervoso). As ligações formam mensagens que irão determinar a execução de atividades do organismo como andar, pensar e memorizar. O desequilíbrio na formação dos neurotransmissores (serotonina e noradrenalina) faz com que algumas partes do cérebro transmitam informações incorretas, alertando e preparando o organismo para um perigo não existente.

Diferente de fobia

É preciso diferenciar o Transtorno do Pânico dos quadros de fobias e das crises provocadas por intoxicação de drogas e síndromes de abstinência. No caso das fobias, por exemplo, o medo aparece em situações específicas como subir de elevador ou aproximar-se de certos animais e passa logo após o estímulo desaparecer. A psiquiatra Sofia Bauer explica que "na fobia a pessoa tem consciência de que o medo é absurdo e desproporcional, não controla, mas sabe exatamente a hora em que ele aparece". O doente que sofre da Síndrome do Pânico não sabe quando terá novas crises.

O transtorno pode manifestar-se de várias formas. A pessoa está tranquila, de repente começa imaginar uma situação ameaçadora, sente as mãos frias e úmidas, náuseas, dor no peito e



A psicoterapeuta Márcia Alencar.

respiração acelerada. Márcia afirma que "o segredo é ensinar a respirar". De acordo com ela, é fundamental aprender a controlar a respiração, pois esse procedimento irá aliviar e acalmar a pessoa para voltar ao normal.

Outros sintomas podem ser taquicardia (coração acelerado), falta de ar, tontura, tremores, formigamento, ondas de calor ou frio e desmaio. A manifestação intensa e imprevisível das crises faz com que o indivíduo comece a evitar os locais onde aconteceram. Por consequência, os doentes evitam sair sozinhos, permanecer no meio de multidões, em lugares fechados, de difícil saída ou longe de hospitais. O Transtorno do Pânico com agorafobia (medo de lugares abertos) acontece quando o medo de novas crises os impede de sair de casa, por exemplo.

Tratamento

Conforme Márcia, o uso de remédios como antidepressivos e ansiolíticos auxilia no tratamento, mas não adianta tratar os sintomas físicos se não forem trabalhados o emocional e a personalidade. A psicoterapia, a acupuntura, a meditação, a ioga e os exercícios físicos são algumas das estratégias para bons resultados. Alguns tipos de psicoterapia fazem o paciente entrar em hipnose e permanecer sob um estado de consciência que pro-

duz mudanças no seu comportamento. Na acupuntura, as agulhas atuam sobre determinadas terminações nervosas do corpo, o estímulo é levado até o cérebro e lá ocorre liberação de serotonina que alivia a crise.

A psiquiatra e mestrande de Antropologia da Universidade Federal, Maria Cristina Pereira, realiza uma pesquisa sobre a doença, analisa como é tratada pela mídia e contrapõe os conceitos da medicina com depoimentos de doentes. Do ponto de vista antropológico a síndrome é um processo relacionado com o meio-sócio cultural e, para ser superada, é preciso encontrar a explicação para o sofrimento. Segundo Maria Cristina, algumas pessoas buscam a razão para a angústia em experiências ruins do passado e até mesmo de vidas anteriores.

A professora Aglair Bernardo soube que tinha a doença na década de 80 e muitas vezes foi à emergência do Hospital Universitário, fez vários exames e clinicamente sempre estava bem. "Mas tinha alguma coisa estranha que os exames que eu fazia não diagnosticavam", afirma. Depois de passar por alguns tratamentos, ela sente as crises mais amenas e concilia os remédios com a psicoterapia. A terapia faz com que busque o elemento desencadeador das crises e aprenda a identificar o que a leva a viver uma situação de pânico.

Aglair evita ir a lugares onde já sofreu crises de pânico como cinemas, ou pegar elevadores e aviões. A professora, que já chegou a ficar dias trancada em casa, há pouco tempo começou a andar de ônibus seletivo (amarelinhos) porque a qualquer momento pode descer e controlar a situação. "A crise começa, tem um pico e depois desaparece. Mas, mesmo tendo essa consciência e sabendo que ninguém morre da síndrome você fica no limite do controle e da ausência dele", explica. E completa, "Há momentos em que você parece explodir".

A Síndrome do pânico foi classificada oficialmente como doença em 1980, em um manual sobre desordens mentais, publicado pela Associação Americana de Psiquiatria. Mas, no ano de 1960, pesquisas científicas já começavam a diferenciar pacientes com ataques de ansiedade inesperados de outras formas de ansiedade. A obra do psicanalista Sigmund Freud "A Neurastenia e a Neurose de Angústia", escrita por volta de 1895, foi uma das primeiras descrições sobre reação semelhante ao Transtorno do Pânico.

Texto: Fernanda Krelling



Drogas: luta para sair do vício

O custo do tratamento só pode ser bancado por poucos

Na luta para se livrar das drogas, dependentes químicos contam com a ajuda dos centros de recuperação. Se por um lado cresce o comércio de drogas ilícitas no estado, por outro aumenta o número de instituições especializadas na recuperação dos usuários. D.S., de 19 anos, ilustra essa situação. Aos nove anos já usava drogas como maconha e cocaína e aos 14 anos tornou-se traficante. Hoje ele está em recuperação e se preparando para ajudar usuários de drogas a deixar o vício. Para D.S., o trabalho com os viciados pode ser uma saída para ex-usuários de drogas, que tradicionalmente têm dificuldades para se reintegrar socialmente.

D.S. passou nove meses em tratamento no Centro de Recuperação de Toxicômanos e Alcoólatras - o Creta. A instituição para homens existe há cinco anos e para mulheres há três. Trata dependentes químicos de drogas ilícitas e do alcoolismo. O centro fica em uma fazenda na cidade de Paulo Lopes, há 70 quilômetros de Florianópolis. Para garantir que os internos da instituição não desistam do tratamento e fujam, o Creta escolheu um local de difícil acesso à 12 do centro da cidade.

Toda a equipe de apoio é formada por ex-dependentes químicos, à exceção de uma estagiária em psicologia e de uma terapeuta ocupacional que trabalham uma vez por semana com os pacientes. Segundo o coordenador-geral do centro, Adriano Costa, há 53 homens internados na fazenda masculina e 15 mulheres na feminina. O Creta feminino fica também em Paulo Lopes e as pacientes são submetidas a mesma terapia utilizada com os homens: a laborterapia (terapia do trabalho).

P.R.S., de 18 anos, usou drogas como cocaína, ácido, êxtase e crack durante três anos. Para sustentar o vício, muitas vezes teve que roubar e comercializar artigos ilegais como revólveres e coletes à prova de bala. In-

ternado há três meses, explica que no centro se trabalha durante todo o dia, com pausas apenas para ir à capela, fazer as refeições e organizar roupas e objetos pessoais. Os quartos são coletivos e os pacientes são responsáveis, entre outras coisas, pelas refeições, pela horta e pela limpeza, construção e reformas de todas as dependências da fazenda. As churrasqueiras, contruídas pelos internos, servem para os dias de visita familiar realizadas no primeiro domingo de cada mês. No final das atividades diárias eles fazem um relatório, onde escrevem como foi o dia, como estão se sentindo, e qual é a meta pessoal para o próximo dia. P.R.S. considera o tratamento bom, apesar de ser muito difícil se adaptar no começo. Ele disse que quando sair do centro quer trabalhar com o pai, encontrar uma namorada, mas prefere não voltar a estudar.

Tratamento

"Aqui tem de tudo", diz o ex-usuário D.S., depois de nove meses de tratamento. A idade dos pacientes varia de 11 a 65 anos. Eles têm normalmente relação com o vício há pelo menos três anos. Assim como alguns vêm de famílias classe A e B, outros são presidiários, ex-traficantes e meninos de rua. Entre as mulheres, a maioria são jovens de 18 a 20 anos, com problemas de uso misto de álcool e drogas ilícitas e que muitas vezes se prostituíam apenas para manter o vício. A terapeuta ocupacional, Iranise Pereira, explica que com as mulheres além das atividades para o autoconhecimento, como pinturas e esculturas em argila, ela e a estagiária em psicologia desenvolvem palestras sobre sexologia para orientar as pacientes sobre o assunto. O grau de escolaridade dos pacientes varia de

semi-analfabetos até alguns com nível superior.

O tratamento custa R\$300,00 mensais e de acordo com o diretor do Creta, Jonas Pires, muitos casos são encaminhados pelo Conselho Tutelar e mantidos pelo Ministério Público. As chamadas vagas sociais - onde o paciente não paga pelo tratamento - são analisadas no momento da triagem. Antes de serem encaminhados para a fazenda os viciados passam por uma série de exames e questionários sócio-econômicos.

Cinco meses é o tempo médio de permanência na fazenda, depois disso os pacientes passam normalmente 60 dias em uma casa na Praia de Fora, em Palhoça, e os últimos meses do tratamento eles ficam na clínica médica no centro de Florianópolis. No último período, o trabalho é de reintegração dos pacientes à sociedade e de prevenção à recaída. Eles já saem para ir a shopping centers, cinemas, supermercados, sempre em companhia de uma pessoa da equipe de apoio da instituição.

Segundo Jonas, 80% dos usuários de drogas do centro se recuperaram e 55% a 60% conseguem definitivamente se reintegrar a sociedade, voltando a trabalhar e a estudar. Jonas ressalta a importância da família para a recuperação do usuário de drogas. Ele diz que a instituição se preocupa com isso, e mantém uma estreita relação com a família dos pacientes. Na primeira segunda-feira do mês, os coordenadores, a estagiária em psicologia e terapeuta ocupacional se reúnem com os familiares dos pacientes.

Alternativas

O Creta não é a única opção para as pessoas que desejam se livrar das drogas. A Belvedere, uma clínica situada no terceiro andar do Hospital de Caridade no Centro de Florianópolis, combate a dependência química de uma maneira diferente da utilizada na fazenda. O tratamento na clínica é de um mês, mas o tempo pode variar de acordo com o a gra-

vidade do caso.

Segundo a psicóloga da clínica, Lidiane Bruneti Evangelista, a Belvedere conta com uma equipe de três médicos psiquiatras, um clínico geral, uma psicóloga, uma enfermeira e um consultor, que é um ex-usuário de drogas que serve de exemplo na recuperação dos demais.

A clínica tem capacidade para internar 18 pacientes em quartos individuais, mas atualmente está com 15, sendo nove homens e seis mulheres. Em média, os pacientes têm de 30 a 35 anos e os casos mais comuns de internação são por consumo de álcool, maconha e cocaína. De acordo com Lidiane, cerca de 80% dos pacientes que completam a primeira fase do tratamento se mantêm em abstinência. Ela explica que são utilizadas medicações para evitar a Síndrome de Abstinência, uma série de reações do organismo que podem levar à morte quando o viciado deixa de usar a droga.

Segundo a psicóloga, os pacientes participam de vários grupos de discussão para compartilhar experiências e receber orientação da equipe. Eles também recebem visitas da família pelo menos cinco vezes por semana. Depois de receber alta, o paciente continua o tratamento participando regularmente de reuniões na clínica. Lidiane afirma que, neste período, é essencial o apoio da família para uma boa recuperação.

A diária da clínica custa R\$ 70,00 e o honorário médico por dia é de R\$50,00. Todos os medicamentos são pagos à parte. A clínica tem convênio com a Unimed, que cobre o tratamento por cerca de 14 dias. Outros planos de saúde empresariais como o Funcef também são aceitos.

Texto:

Andressa Braun e Sabrina Domingos

Os 12 Passos de Recuperação dos Narcóticos Anônimos

1 Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.

2 Viemos acreditar que um poder maior do que nós poderia devolvê-nos a sanidade.

3 Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos.

4 Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.

5 Admitimos a Deus e a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.

6 Prontificamo-nos a deixar que Deus removeesse todos esses defeitos de caráter.

7 Humildemente pedimos a Ele que removeesse nossos defeitos.

8 Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.

9 Fizemos reparações diretas a tais pessoas sempre que possível exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-los ou a outros.

10 Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estamos errados, nós o admitimos prontamente.

11 Procuramos, através de prece e meditação melhorar o nosso contato consciente com Deus, da maneira que nós o compreendemos, regando apenas o conhecimento da sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade.

12 Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado desses passos procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Quadro afixado no refeitório da fazenda e lido diariamente pelos internos.



Fotografia: Arquivo Zero

Onde foram parar os craques

Três ex-jogadores da Seleção Brasileira, que jogaram em times do Sul,

Oberdan Vilain, que por dez anos jogou ao lado de Pelé, no Santos, hoje é um empresário bem sucedido. Dono de duas fábricas de água mineral e duas distribuidoras de bebidas, iniciou como goleiro, em times amadores de Florianópolis, cidade onde nasceu. Profissionalmente, passou pelo Coritiba, Santos e Grêmio, sempre como zagueiro.

Em 1978, Oberdan encerrou a carreira como jogador, depois de treze anos dedicados ao futebol. "Aos 32 anos parei de jogar, pois o futebol já tinha me dado o necessário para ter uma vida estável financeiramente", diz. Começou a se dedicar ao ramo de bebidas, importando dos Estados Unidos garrações de 20 litros para água mineral - este tipo de embalagem não existia em Santa

Catarina, na época. Hoje, morando em Florianópolis, ele viaja toda semana para São Paulo, onde tem uma distribuidora de cervejas.

Casado há 34 anos, o ex-jogador do Santos tem dois filhos. Um deles, o advogado Oberdan Júnior, é que administra

as outras empresas de bebidas que mantém em Florianópolis. "Assim tenho tempo de estar com a minha família, pois quando jogava, viajava muito", destaca. Oberdan Vilain confessa que ganhou muito dinheiro com o

futebol, porém, ao contrário de muitos jogadores, investiu seus salários em bens que lhe garantiram um futuro estável. "Eu era o único do Santos sem carro. Havia um jogador que tinha seis. Como viávamos muito, ele não tinha tempo para usar nenhum. Por isso não me iludi com essas coisas. Essa consciência eu já tinha com 20 anos", completa.

Oberdan iniciou a carreira como jogador aos 18 anos, no Coritiba. Ficou na capital paranaense de 1963 a 1965, quando foi para o Santos. Em um torneio que



Fotografia: Reprodução

Valdomiro Vaz Franco jogando nos tempos áureos do Internacional

o time paulista disputava em Nova York, Pelé recebeu um relógio de pulso, por ter sido escolhido o melhor jogador em campo. Chegando no vestiário, disse que Oberdan é quem merecia o prêmio. "A imprensa fala que foi um relógio de ouro puro. Na verdade, foi um relógio à prova d'água, que na época era muito moderno", diverte-se.

Futebol x Estudo

Enquanto jogava pelo Santos, fez faculdade de Educação

Física junto com craques como Carlos Alberto Silva e o ex-técnico da Seleção Brasileira, Emerson Leão. Para Oberdan, era uma forma de ter uma profissão garantida quando deixasse de jogar. Ele diz que o futebol "atrasa intelectualmente" o jogador. "Durante treze anos da minha vida só jogava e treinava. Mal tinha tempo para estudar. E se você ia ler alguma coisa era chamado de boçal ou mascarado. Jogador de futebol tem que jogar domínó ou baralho no tempo livre", lamenta.

O zagueiro deixou o Santos em 1976 para jogar no Grêmio, onde conquistou o título de campeão gaúcho no ano seguinte. Depois de oito anos sem ter vencido um campeonato estadual, o Grêmio, com o técnico Telê Santana, quebrou a hegemonia de títulos do time do Internacional, também de Porto Alegre, em 77.

Oberdan Vilain desligou-se totalmente do futebol depois que encerrou sua carreira em 1978, jogando no Grêmio. Recebeu propostas para ser técnico e até mesmo presidente dos clubes Avaí e Figueirense, de Florianópolis. Recusou todas. "Não quero nada, longe de mim. Não vou sacrificar a minha família como fiz há trinta anos. Nem a estádios eu vou mais. Por causa da violência é mais cômodo e mais seguro assistir os jogos pela televisão", sustenta.

Mineiro, jogador de futebol, vereador, deputado e dono de um Centro Esportivo. Essa é a trajetória de um importante nome do esporte catarinense. Valdomiro Vaz Franco, hoje com 54 anos, começou a jogar profissionalmente no Comerciarío, time da cidade de Criciúma, onde nasceu. Antes disso, trabalhou nas minas de carvão da região. Passou pelo Internacional de Porto Alegre, pelo Milionarios de Bogotá, além de ter jogado várias partidas pela Seleção Brasileira, inclusive na Copa de 1974, na Alemanha.

Valdomiro, ao contrário de Oberdan Vilain, continua trabalhando com esporte. O ex-jogador tem um Centro Esportivo, em Criciúma, onde 120 garotos, entre 4 e 15 anos praticam futebol. O Centro existe há cinco anos e possui uma estrutura que permite aos alunos melhorar o condicionamento físico. Há academia de musculação e piscina térmica, além de quatro campos de futebol. Valdomiro considera os garotos como pessoas de sua família. "Hoje os pais não têm tempo suficiente para educar seus filhos e eu me sinto na obrigação de ajudar na educação dos meninos", diz. Ele conta que dois de seus alunos estão jogando no exterior, um na Itália e outro nos Estados Unidos.

Aos 16 anos, Valdomiro foi artilheiro da primeira competição que disputou, o campeonato catarinense de 1967. No ano seguinte foi para o Internacional de Porto Alegre onde jogou por treze anos. Conquistou oito campeonatos estaduais e três brasileiros (1975/76/79) com o Inter. Com 16 títulos pelo time gaúcho, para ele foi difícil jogar no Rio Grande do Sul.

Todo mundo queria jogar ao lado de Pelé. Era o sonho de qualquer jogador que eu consegui realizar durante dez anos

- Oberdan Vilain



continua na página ao lado

da bola que fizeram história

permanecem na lembrança dos torcedores catarinenses

"Fui muito vaiado no início, era um jogador desconhecido e com 18 anos já cheguei como titular", recorda.

Seleção Brasileira

A primeira convocação para a Seleção Brasileira foi em 1972. Um ano depois jogou uma série de amistosos pela África, Europa e Rússia, também pela Seleção. Na Copa de 1974, marcou o gol que classificou o Brasil para a próxima fase da competição, no jogo contra o Zaire. Esteve ao lado de Pelé, Rivelin, Clodoaldo e Tostão, no último jogo de Garrincha na Seleção, em 1975. Um ano antes da Copa da Argentina (78) - ele participou das Eliminatórias -, Valdomiro foi convocado para disputar um jogo amistoso pelo Brasil. Recusou-se a ficar no banco de reservas e acabou não indo à Copa. "É uma pena, pois eu poderia ter jogado duas Copas", lamenta.

Em 1982, depois de ter jogado dois anos em Bogotá, na Colômbia, voltou a Porto Alegre e encerrou a carreira no Inter. No mesmo ano, elegeu-se vereador na capital gaúcha. O primeiro projeto de Valdomiro previa a implantação de transporte coletivo gratuito para idosos na cidade. Depois foi deputado estadual no Rio Grande do Sul por dois mandatos consecutivos.

Mesmo morando em Santa Catarina, com a esposa e os dois filhos, o ex-jogador do Inter continua sendo reconhecido no Rio Grande do Sul. Ele recebeu os títulos de cidadão honorário e de cidadão de Porto Alegre. Foi o jogador que mais marcou gols no estádio Beira Rio, 99 ao todo. Também é o que mais jogou partidas no estádio, que tem duas placas em sua homenagem.



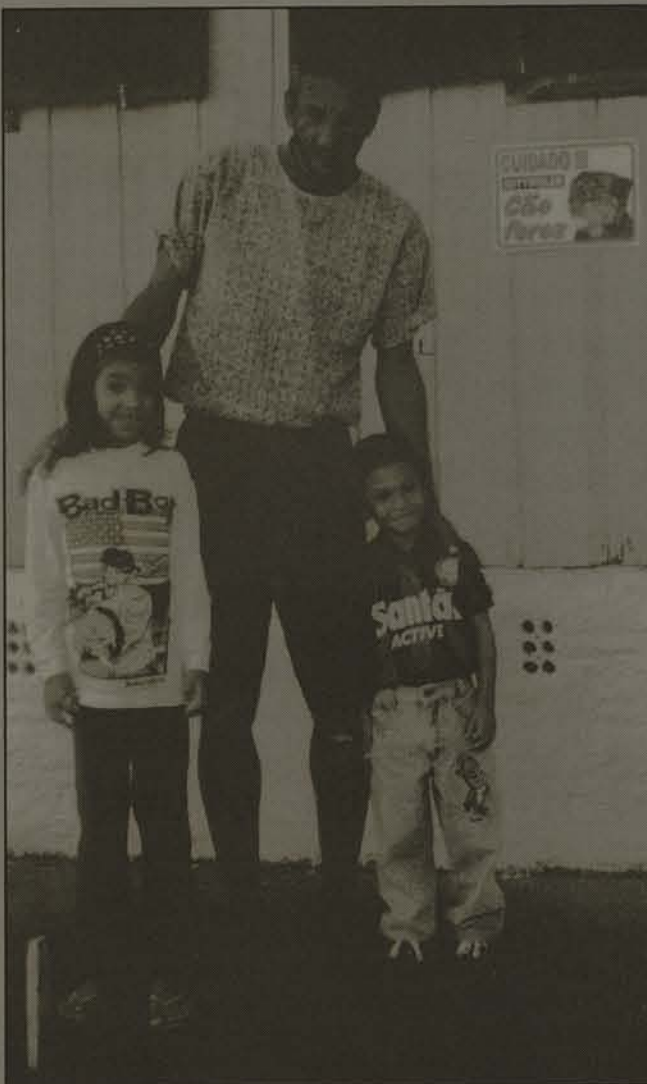
"Eu me orgulho de ser catarinense, mas eu devo muito ao povo do Rio Grande do Sul".



"Eu tenho muita mágoa. Já fui barrado três vezes no estádio do Figueirense. Então quando quero ir ao jogo, eu compro o meu ingresso". A declaração é do ex-jogador de futebol, Albeneir Marques Pereira, que entre 1981 e 91 teve cinco passagens pelo time do Figueirense, ficando quase sete anos no clube. O craque, que na década de 1980 foi o protagonista da maior transação comercial do futebol catarinense, na época, hoje mora numa casa de madeira, no bairro Bom Viver, em São José, município vizinho a Florianópolis. "O clube quer que eu prove com alguns documentos que joguei mais de oito meses no time. Assim eu receberia uma carteirinha e teria acesso livre ao estádio", reclama.

Casado e com três filhos, Albeneir, 43 anos, vive "encostado". A aposentadoria precoce, obtida com a ajuda do Avaí, maior rival do Figueirense, é paga pelo INSS. Motivo: lesão no joelho e incapacidade para o futebol profissional. Mesmo ganhando pouco, paga cervejas aos amigos quando vai a um bar. "Minha mulher não concorda com isso, mas é um costume que tenho desde quando era jogador", justifica. Com fama de boêmio, era chamado de 51, número que dá nome a uma marca de aguardente. "Eu nunca bebi cachaça. Bebia cerveja. Quando era jogador, queria entrar dentro da garrafa, mas isso nunca me atrapalhou. E eu bebo até hoje, porque eu gosto", declara. Ele confessa também que sempre fumou, mesmo enquanto jogador. "Eu fumava no intervalo do jogo, no vestiário". No entanto, afirma que nunca usou drogas.

Mineiro, da cidade de Baidim, começou a jogar como zagueiro no Cruzeiro de Belo Horizonte. Em um jogo pelo campeonato estadual, o centroavante do time se machucou e não pôde participar da partida. "O técnico era o Carlos Alberto Silva e ele me colocou pra jogar na frente. Marquei o único gol do jogo e, a partir de então,



Fotografia: Magda Pamplona

Albeneir com seus filhos: mágoa do Figueirense

nunca mais troquei de posição", recorda. Durante seis anos, seu passe pertenceu ao Cruzeiro, até que em 1981 ele foi vendido ao Atlético Paranaense. "Eu estava preso, preso, preso, mas em 81, graças a Deus, eu me livre", diz o ex-jogador, referindo-se ao seu passe. No mesmo ano foi emprestado ao Figueirense, tornando-se artilheiro do campeonato catarinense, em 83.

Expulso na estréia

O torcedor Magno Pamplona conta que Albeneir foi expulso logo na primeira partida que jogou com a camisa do Figueirense, em 5 de maio de 1981. "Ele disse alguma coisa pro árbitro e recebeu o cartão vermelho. Ninguém entendeu nada", recorda Magno. Um ano depois, foi vice-artilheiro do campeonato brasileiro. "Marquei 27 gols, só fiquei atrás do Baltazar, do Grêmio, que marcou 28", lembra. Jogando no Grêmio, foi convocado para a Seleção Brasileira que disputou as Olimpíadas

de Los Angeles, em 1984. O Brasil ficou em segundo lugar na competição. "A França foi campeã", diz Albeneir, com "cara feia", lembrando a final da última Copa do Mundo, em que o Brasil também perdeu o título para os franceses.

Em 1991, depois de jogar de novo no Figueirense e em times do interior de São Paulo, voltou a capital catarinense. Um ano depois, candidatou-se a vereador, mas não se elegeu. "Eu me elegia só com os votos dos torcedores do Figueirense, mas eu tinha acabado de ir para o Avaí. A torcida do Figueirense ficou com raiva de mim porque eu fui jogar no time rival." E acrescenta: "Mas não é verdade que eu recebi 51 votos", recordando o seu apelido.

O ex-centroavante, de 1,98m de altura, garante que faltou alguém que lhe orientasse para administrar melhor o seu dinheiro. "Eu ganhei muito dinheiro, só tinha carro do ano. Mas não tinha ninguém pra me orientar. Eu era jovem, não tinha pai e minha mãe morava em Minas Gerais." Afirma, no entanto, que não se arrepende de nada do que fez. "Mesmo tendo uma vida simples, sou uma pessoa feliz. Hoje gosto de ficar em casa, assistindo televisão e ouvindo música."

Texto:
Magda
Audrey
Pamplona
e Giselle
Tiscoski



Nas trilhas da aventura: por SC



Fotos:
Ibirama Rafting

Aventura e adrenalina, duas palavras que hoje representam o que turistas de todo o estado vêm buscar no interior de Santa Catarina.

São pessoas de todas as idades que querem praticar esportes radicais. Durante o inverno a procura cai 90%, uma diminuição brusca, mas que mostra que para alguns não importa o frio das águas geladas dos rios e cachoeiras. Eles vêm em busca do Ecoturismo de Aventura nos paraísos naturais dos planaltos catarinenses.

Um deles, o mais conhecido, é Ibirama. Nessa cidade do alto vale do Itajaí, o astro é o rio Itajaí-açu, onde é praticado o rafting, um esporte no qual diversas pessoas descem corredeiras em cima de um bote inflável. Duas empresas levam os aventureiros até as águas que cortam Ibirama: a Ibirama Rafting, com sede na própria cidade, e a Ativa, situada no município vizinho, Apiúna.

O rio Itajaí-açu oferece vários níveis de dificuldade para os pratican-

tes do rafting. O nível I é para aqueles que nunca participaram, e irão percorrer trechos leves, com pequenas quedas d'água. Os níveis intermediários têm como pré-requisito a já realização do rafting. Eles são radicais e apresentam quedas de até quatro metros de altura, com um certo perigo em verdadeiros redemoinhos e bifurcações. Para eles a indicação é prestar muita atenção no guia, bem mais do que no nível básico, e, se ele mandar remar, não parar!

O nível super radical é para as pessoas que não têm medo do perigo, pois é realmente chocante. As grandes corredeiras, que chegam a se estender por mais de cem metros, são um teste de resistência física e cardiovascular, pois se o coração não estiver bem, não vale a pena correr o risco.

Ibirama também possui outras opções de esportes radicais, como o rapel, realizado em paredões de pedra com até 70 metros de altura, ou o canyoning, que tem como cenário deslumbrantes cachoeiras e inclui, além do rapel na água, um trecho de caminhada no meio da mata e de rios.

Mas para se praticar o canyoning, o município de Presidente Getúlio, localizado logo depois de Ibirama para quem sobe a serra, é a melhor opção. São 72 cachoeiras catalogadas, além de várias outras ainda sem nome. Na Fazenda Tabarelli, a Cachoeira Cará, com 62 metros de altura, oferece um rapel alucinante, com uma pequena parede logo no início, um patamar

depois de 20 metros e a sua maior parte no negativo, onde o rapeleiro só precisa aproveitar as águas que formam um gigantesco chuveiro natural. O grupo mais indicado para a prática do canyoning na cidade é o Eco Adrenalina, com sede em Ibirama, mas já naturalizado getulense.

O turista que vai até Presidente Getúlio também não pode deixar de aproveitar as pequenas propriedades rurais que oferecem deliciosos cafés coloniais, refeições típicas alemãs e italianas e um contato único

E por falar em Vale das Cachoeiras, uma cidade do planalto norte catarinense, que fica bem ao lado de Jaraguá do Sul, reserva muita beleza para o visitante.

Corupá possui a Rota das Cachoeiras, 14 fantásticas quedas d'água em sequência, numa subida de 800 metros. Cada cachoeira tem um nome, uma história: a do Suspiro, da Banheira, a Pousada do Café, a

do Palmito, a do Repouso e, lá em cima, o Salto Grande. Essa última é a maior, possui 125 metros de altura, um show da natureza onde o Grupo

Águia Dourada se aventura em um alucinante rapel. Só que esse é só para profissionais e com a orientação do Grupo, até porque a trilha que chega ao topo da cachoeira não está marcada e é extremamente perigosa.

Corupá tem várias outras cascatas e cachoeiras, como a Veu da Noiva, um enorme lençol branco que pode ser visto a quilômetros de distância. Nessa cidadezinha que possui somente um hotel e nenhum restaurante que sirva janta, o Orquidário premiado e o Seminário Sagrado Coração de Jesus, onde foi gravada a novela Ana Raia e Zé Trovão, são atrações imperdíveis.

Mas essas são apenas três cidades

que compõem o grande palco da aventura no estado. Santa Catarina ainda tem muito mais!



com a vida no campo, próprio para relaxar. É o Turismo Rural aliado ao Ecoturismo de Aventura numa cidade conhecida como o "Vale das Cachoeiras".

Texto: Marina Nagel

ONDE PROCURAR

Apiúna e região e Santo Amaro da Imperatriz

Canyoning, Trekking, Rafting e Rapel

Ativa RaftingBike - www.ativarafting.com.br

e-mail: ativa@ativarafting.com.br

Fones: (048)245 7021 e (047) 353 13 92

Ibirama, Presidente Getúlio e Witmarsum

Canyoning, Cascading, Rafting, Rapel e Trekking

Eco Adrenalina - www.ecoadrenalina.com.br

e-mail: ecoadrenalina@ibnet.com.br

Fone: (047) 9981 3715

Ibirama e região

Canyoning, Rafting e Rapel

Ibirama Rafting -

www.blumenau.zaz.com.br/ibirafti

e-mail: ibirafti@nutecnet.com.br

Fone: (047) 357 2130

Jacinto Machado e Praia Grande

Canyoning, Rapel e Trekking

Tigre Preto - A/C Dilton Pacheco

e-mail: voltagrande@contacto.com.br

Fone: (048) 535 1066 - Everaldo/

(048) 535 1544 - Dilton

O Trance invade Florianópolis

Festa Psicobilros reúne fãs de música eletrônica de toda parte do país

Na quinta-feira, dia 14 de junho, Adriana Küchler saiu do centro de Florianópolis, buscou a amiga Leda Malysz, entrou em seu carro e dirigiu-se para o Sul da ilha. No som, uma fita da banda Mutantes. Vinte e sete quilômetros depois, as duas chegaram ao P... O destino das estudantes de Jornalismo: a Associação da Casan, onde elas passariam os próximos quatro dias dançando e se divertindo ao som de música eletrônica, na festa Psicobilros. Ao chegarem, já anoitecia, e o lugar parecia deserto. Elas acreditavam ter errado o caminho, quando viram dezenas de barracas em um terreno de frente para o mar. Era ali!

Barraca montada, Adriana e Leda foram para a pista de dança. Nesse dia, a pista foi em um pequeno morro, no meio do mato. "Era difícil chegar", diz Leda. As árvores estavam enfeitadas com faixas coloridas fluorescentes e as roupas brancas das meninas brilhavam na luz negra.

O som: *trance*, um dos estilos da música eletrônica alternativa, o menos agressivo e mais fácil de assimilar de todos. Para quem sentisse fome, havia um quiosque de alimentação, que servia sushi, yakisoba e empanadas.

Na sexta-feira, as pessoas aproveitaram o dia para descansar. A música foi interrompida pela única vez na festa, por causa de um equipamento queimado. Com o problema do som resolvido e a pista transferida para o gramado em frente à floresta, o *trance* rolou solto. Essa foi a noite mais animada da festa. "Estava muito legal, deu pra dançar bastante", diz Paula de Albuquerque, também estudante de Jornalismo. De acordo com Larissa Schlei, integrante do grupo Liamba, formado por fãs de *trance* de Florianópolis e uma das organizadoras do evento, 150 pessoas estiveram presentes nesse dia.

Chuva atrapalha

No sábado, a temperatura começou a baixar e uma chuva fina diminuiu o ânimo do pessoal. Durante a tarde, tocou o DJ paulista e especialista em *ambient* Gil Mahadeva. "Foi o melhor som que ouvi", falou Adriana. Ela não se impressionou por acaso: Mahadeva é um dos melhores DJ's do país e tem música gravada no CD do programa de música eletrônica da MTV, o *Amp*. "É legal colocar as músicas que você gosta de

ouvir numa seqüência que conduz outras pessoas ao êxtase sonoro, à reflexão, à agressividade até", diz o DJ.

Mahadeva participou também do ponto mais alto da festa, no domingo de manhã. No *Live P.A.*, momento em que os DJ's tocam ao vivo, improvisando com os sintetizadores, a pista estava lotada. "É a primeira vez que bandas de *trance* tocam ao vivo em Florianópolis", afirma Larissa Schlei. Outros destaques da programação foram Rogério Martinelli e George Maia, de São Paulo, e Luisinho, integrante do Liamba, DJ's experientes e reconhecidos pelos fãs do estilo. Ao todo, foram quinze DJ's, a maioria tocando *trance* da vertente psicodélica, o *psychedelic trance*.

Adriana e Leda voltaram para casa, e dizem ter gostado da festa. "Apesar de não estar muito cheio, aproveitei bastante", diz Adriana. Nenhuma das duas é aficionada por música eletrônica: a fita do Mutantes continuou a tocar no carro de Adriana, e, ao chegar em casa, Leda foi ouvir The Doors, sua banda preferida. Apesar disso, as duas

res de pessoas, mas isso não desanima o pessoal, pouco preocupado em ganhar dinheiro.

"Prejuízo a gente não teve, nem lucro", diz Larissa. "A nossa filosofia é festa, sem fins lucrativos." O grupo já se prepara para ir a Alto Paraíso, a 100 km de Brasília, em julho, para a festa Trancendence, que reúne cerca de 1500 pessoas.

Festas como a Trancendence costumam acontecer em lugares isolados e cheios de natureza. Mas o acesso a essas festas é caro: a entrada custa, em média, R\$60,00. "Quem mora em Floripa só pode ir em uma ou duas por ano", diz João Homem, aluno de Serviço Social da UFSC e integrante do Liamba. A Psicobilros teve um custo mais baixo: R\$10,00 um dia, e R\$15,00 os quatro dias.

Uma preocupação dos produtores das festas é a associação do gênero com o consumo de drogas, principalmente o *ecstasy* e o *LSD*. "Várias pessoas não tomam e curtem da mesma forma", afirma Larissa. O DJ Mahadeva concorda e acrescenta que a "viagem" está na própria música: "O efeito do *trance* é *lisérgico*, é uma droga sonora".

Outros estilos

A cena eletrônica em Florianópolis não vive só de *trance*. Outros estilos, como o *techno* e o *drum'n'bass*, são cada vez mais frequentes na cidade, com espaço garantido até em festas da UFSC, tradicionalmente animadas pelo *rock'n'roll*. O *techno* começou a se consolidar em Floripa a partir de 1996, com os DJ's Spicee e Spark tocando no Órbita Bar. Eles iniciaram um grupo de discussão sobre música eletrônica na internet, a *br-raves*, que se tornou referência nacional. Spicee hoje mora em São Paulo



Fotografia: Jeanne Callegari

DJ Luisinho

e já tocou em vários festivais ao redor do mundo.

Uma característica da cena em Florianópolis é que, diferentemente de São Paulo, onde é possível encontrar *techno*, *trance* e *drum'n'bass* em vários clubes, a música eletrônica alternativa só é tocada em clubes GLS ou festinhas fechadas. "As boates tocam apenas o *poperd*", diz André Laner, editor da revista digital de música e comportamento *atitude.net*.

O cenário nacional

A palavra *rave*, que designa as festas de música eletrônica ao ar livre reunindo milhares de pessoas, está bem desmoralizada entre os fãs do estilo. Isso porque qualquer festa com som mecânico passou a ser denominada *rave* e a palavra se desgastou entre os fãs do som alternativo, que não querem ver seus estilos confundidos com as canções popinhas que tocam nas rádios jovens. A música eletrônica está se consolidando no Brasil, principalmente nos grandes centros. O Skol Beats, festival que aconteceu em abril em Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro e reunindo 40 mil pessoas adeptas de todos os estilos, é um exemplo disso.

Texto: Jeanne Callegari

Entenda

HOUSE som "feliz", com acordes de piano, vocais femininos e linhas de baixo movimentadas. A música popularmente conhecida como "dance music" se enquadra nesse estilo, e não dentro do *techno*, como muitos pensam.

TECHNO grupos como Kraftwerk, e Afrika Bambaataa estão nas raízes do *techno*. O termo vem da cidade de Detroit, onde alguns grupos tornaram característico o som eletrônico gerado com instrumentos analógicos. O estilo se concentra principalmente no ritmo e não há vozes. **DRUM'N'BASS** originalmente denominado *jungle*, é uma música cuja base rítmica é o *hip-hop* e o *reggae*, acelerados e manipulados. Usam-se instrumentos de percussão sobre uma base feita com baixos fortes e prolongados.

TRANCE veio do *techno* e é mais suave e melódico. Sua progressão característica faz com seja extremamente dançante e fácil de assimilar.

GOATRANCE surgiu em Goa, na Índia, lugar onde vivem muitas comunidades hippies. O ritmo é parecido com o *trance*, mas as melodias e harmonias são mais complexas, cheias de sons psicodélicos. O *goatrance* se transformou no *psychedelic trance*, ou *psytrance*, que é mais forte e rápido. As festas realizadas ao ar livre que duram até o amanhecer fazem parte da cultura *psy*.

AMBIENT música para descansar dos ritmos rápidos. A idéia é relaxar e depois dançar sem parar.

TRIP-HOP é mais lento e mistura a batida *Hip Hop* com elementos de *Jazz* e *Ambient*. Tem efeitos eletrônicos tirados do *dub jamaicano*.

Imagem em Background: Painel de decoração da festa. Reprodução de Leonardo Laps



Fotografia: Luis César

Pista de dança da festa

dizem que estarão presentes na próxima festa. Sinal de que há espaço para a música eletrônica, até mesmo em Florianópolis.

A preocupação

A Psicobilros teve proporções pequenas, se comparada aos festivais europeus que reúnem centenas e até milha-

Moda é estar na moda

Santa Catarina vem se destacando no país através de seus cursos e indústrias

Um assunto que cria controvérsias: O que é moda? Quem faz moda? E o que está na moda? Quem acha que moda é uma coisa simples, pode estar enganado. A professora de história da moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, Mara Rúbia Sant'anna, dá uma idéia da complexidade do tema. "Moda é mais que roupa e coleção. Moda são os valores sócio-econômicos materializados em todas as concepções plásticas massificadas, que na medida que são consumidas passam a constituir um forma de articulação entre as pessoas, possibilitando-lhes as relações sociais", tenta explicar. Segundo ela, moda não é somente a produção de vestimenta e acessórios, mas sim tudo o que é produzido de novo em todas as áreas das artes. Santa Catarina pegou esta febre em que a moda se transformou à pouco tempo. Cursos foram criados. Desfiles são realizados.

Quando moda vira profissão

Há cinco anos, Florianópolis começou a dar mais atenção à produção de moda na cidade. O primeiro passo para que Santa Catarina começasse a ser vista no país como pólo de moda foi a criação do curso de Bacharelado em Moda – Estilismo na UDESC, em 1995. A primeira turma se formou na metade do ano passado. De acordo com a coordenadora do departamento de moda da universidade, professora Icléia Silveira e Silva, o curso prepara os alunos para trabalhar na criação de roupas tanto pra lojas como para figurinos de teatro. "O que mais prezamos na formação dos alunos é junta a criatividade com o conteúdo. O curso tem como habilitação o estilismo, mas eles saem da universidade preparados para trabalhar em todas as áreas" – afirma ela.

Mas a capital do estado não é a única cidade em Santa Catarina a se preocupar com a formação de profissionais para as indústrias têxteis. Blumenau e Criciúma também criaram cursos ligados à moda. Na FURB, em Blume-

nau, o curso de Moda tem habilitação em Estilismo Industrial e foi criado em 1997 numa parceria com o SENAI. O curso, que tem duração de quatro anos, tem o objetivo de habilitar profissionais para realizar pesquisa de moda, interpretar tendências e criar coleções. Além de estar apto para atuar na gerência do produto, em empresas de comunicação e como profissional liberal em todos os segmentos de moda. Na região no Vale do Itajaí, onde Blumenau se situa, estão as principais indústrias têxteis e de confecção de vestuário de Santa Catarina e pode-se dizer do Brasil, como por exemplo: a Hering, a Malwen, a Teka e a Kars-ten.

Em Criciúma, a Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC criou o curso de Tecnologia em Moda e Estilo há apenas três anos. A região sul do estado vem se destacando aos poucos na área têxtil do estado. "A região Sul de Santa Catarina é hoje um dos mais importantes pólos de confecção do país. Encontram-se em nossa região empresas dos mais variados segmentos: tecido plano (camisa e calça), malharias, lingerie, linha praia, lavanderias e estamparias. O potencial produtivo de nossas empresas é reconhecido nacionalmente. Com isso, importantes marcas produzem seus produtos em nossa região e necessitam de profissionais especializados para atuarem nesta área" – afirma a coordenadora do curso, professora Rodicélia Felipe. O curso é uma parceria entre a UNESC, o SENAI e a Escola Técnica SATC – Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão.

Não é para todos

Mas os empresários ain-

da têm receio de contratar esses profissionais que estão se formando em Santa Catarina. Muitos ainda não se acostumaram em ter que dar emprego a estilistas que criam as próprias coleções e não copiam de revistas. "Eles acham que por que você é formado eles têm que pagar muito mais. É mais fácil ir a São Paulo comprar uma peça, desmontar e cortar várias iguais. As pessoas ainda têm uma cabeça muito provinciana" – diz a estilista Caroline Brunder, formada na UDESC na metade do ano passado. Caroline conta que a maioria das pessoas da turma que se formou com ela, voltaram para as cidades de origem e estão trabalhando em confecções.

Além do pouco interesse do empresariado local, os estilistas que se formam no estado não têm um órgão que lute pelos direitos da categoria: nem sindicato, nem associação. "Estamos

querendo montar aqui em Santa Catarina um Fórum que já existe em São Paulo para discutir os assuntos ligados a profissão e ao mercado de trabalho. Mas este fórum não trabalha como um sindicato" – explica a coordenadora do curso de moda da UDESC, Icléia Silveira e Silva.

Exposição dos trabalhos

Para dar apoio à produção de moda da estado, o Beiramar Shopping, há cinco anos realiza dois desfiles anuais para mostrar as coleções de algumas de suas lojas e da UDESC. Na última edição do Beiramar Fashion, os alunos da universidade mostraram coleções desenvolvidas a partir do tema Arte e Moda. Portugueses, alemães, guaranis, xoklengues, gregos, italianos, poloneses, ucranianos, africanos e holandeses, a cultura de todos estes povos foram inspiração para os dezessete alunos do curso de bacharelado em Moda e Design, além das obras de Franklin Cascaes. As homenagens aos artistas e povos que colonizaram o estado não ficaram apenas nas coleções. O cenário foi montado com fragmentos de um catálogo do artista plástico Luiz Henrique Schwake.

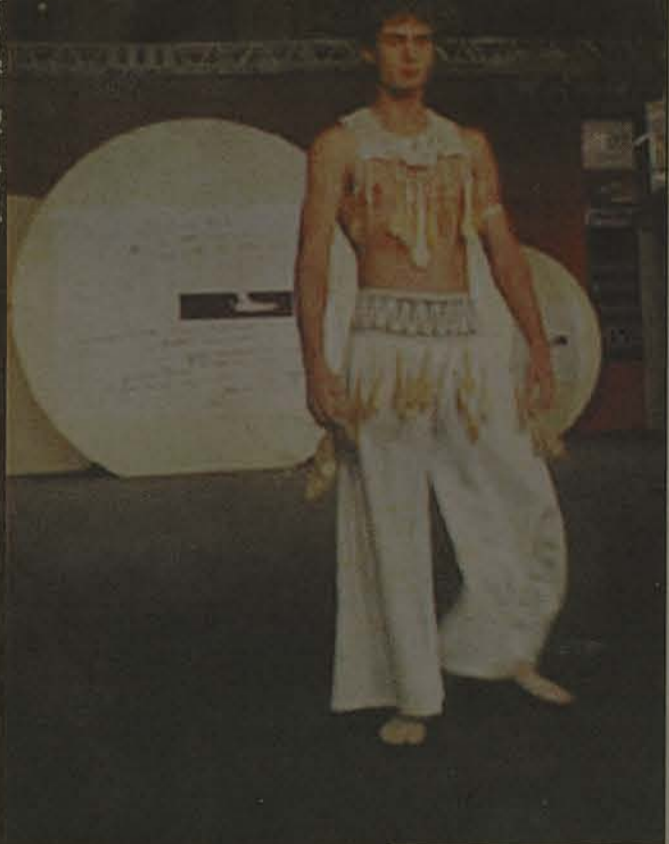
Texto: Cristiane de Luca

Fotografia: Divulgação



Santa Catarina é o estado que possui a maior concentração de indústrias têxteis em toda a América Latina. São 339 indústrias, sendo 120 de grande porte. O setor fatura dois bilhões de dólares por ano e responde por 70% das exportações têxteis do país. E estão sendo investidos mais 500 milhões de dólares pelo governo do estado para que as indústrias catarinenses possam competir no mercado externo.

Fotografia: Divulgação



ZERO